

Órgão Oficial do Clube de Aeronáutica

Presidente:

Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Moacyr da Frota

1º Vice-Presidente:

Maj.-Brig.-do-Ar R1 Márcio Callafange

2º Vice-Presidente:

Cel.-Av. Ref. Antero Sergio Silva Correa

DEPARTAMENTOS:

Jurídico:

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

Social:

Ten.-Cel.-Int. R1 José Pinto Cabral

Cultural:

Cel.-Av. R1 Araken Hipólito da Costa

Administrativo:

Cel.-Av. R1 Nylson de Queiroz Gardel

Financeiro:

Cel.-Int. R1 Marco Antônio Pereira Nogueira

Patrimonial:

Cap.-Adm. R1 Ivan Alves Moreira

Aerodesportivo:

Ten.-Cel.-Int. R1 José Augusto Santana de Oliveira

Beneficente:

Cel.-Av. R1 Nylson de Queiroz Gardel

Assessoria de Comunicação Social:

Cel.-Av. R1 Luís Mauro Ferreira Gomes

Assessoria de Informática:

Cel.-Av. Ref. Hartman Rudi Gohn

SUPERINTENDÊNCIAS:

Sede Social:

Brig.-do-Ar Cesar de Barros Perlingeiro

Sede da Barra da Tijuca:

Brig.-Eng. R1 Edison Martins

Sede Lacustre:

1º Ten. R1 Sebastião José Ferreira

Secretaria Geral:

Cap.-Adm. R1 Ivan Alves Moreira

CHICAER:

Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Moacyr da Frota

Endereço:

Praça Marechal Âncora, 15 - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20021-200 • Tel: (21) 2210-3212 • Fax: 2220-8444

Expediente do CAER:

Dias: 3ª a 6ª feira • Horário: 9h às 12h e de 13h às 17h

Sede da Barra da Tijuca: (21) 3325-2681

Sede Lacustre: (24) 2662-1049

Revista do Clube de Aeronáutica:

Tel./Fax: (21) 2220-3691

Diretor:

Cel.-Av. R1 Araken Hipólito da Costa

Jornalista Responsável:

J. Marcos Montebello

Gerente de Produção Editorial e Design Gráfico:

Rosana Guter Nogueira

Colaboração editoração eletrônica:

Kátia Regina Fonseca

Produção Gráfica:

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Revisão:

Dirce Brízida

Conselho Editorial:

Presidente

1º Vice-Presidente

2º Vice-Presidente

Chefe do Departamento Cultural

Diretor Revista aeronáutica e Jornal Arauto

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.

Editorial

Aproxima-se o Natal. Nossos pensamentos e corações se voltam para o nascimento de Jesus Cristo, “*o Verbo que se Fez carne e habitou entre nós*” (João 1:1), para Aquele que nos trouxe, através do amor, a salvação, e nos mostrou o caminho, a verdade e a vida.

No entanto, a modernidade tem tentado implementar um projeto imanente, quer na vertente antropológica quer na vertente filosófica, desenvolvendo uma argumentação sobre o significado da morte de Deus.

A vertente filosófica começa com Descartes (1596-1650), cuja filosofia segue um caráter eminentemente imanentista, com uma crítica à metafísica.

Alguns filósofos merecem especial atenção. Spinoza (1611-1677), seguindo o método geométrico cartesiano, deduz toda a realidade visível. Como consequência, não há Deus transcendente. Deus é natureza (panteísmo), o que elimina as possibilidades do mistério. Hume (1711-1776), com a negação do princípio da causalidade, visa negar as provas clássicas da existência de Deus. Kant (1724-1804), na sua obra “*Crítica da Razão Prática*”, afirma que a única possibilidade para se falar de Deus está na ação moral, pela qual agimos como se Deus existisse. Em outra obra, diz que a religião é o conhecimento dos deveres morais como mandamentos divinos. Em Hegel (1770-1831), toda a realidade vem a ser idéia ou Espírito Absoluto, que se desenvolve na História segundo a trilogia de tese, antítese e síntese. O Estado surge acima dos indivíduos por necessidade da vida espiritual coletiva e realiza os mais elevados objetivos da Humanidade.

A vertente antropológica faz uso da Filosofia crítica levada às últimas consequências: dar ao homem o lugar supremo, não só em relação à natureza, mas em relação ao todo. Assim, a Filosofia especulativa e a Teologia devem ser suplantadas pela Antropologia. Por isso, Filosofia é, sobretudo, Antropologia. Os três grandes representantes dessa vertente são Feuerbach, Marx e Freud. Feuerbach, o maior filósofo da esquerda hegeliana (1804-1872), em “*A Essência do Cristianismo*”, identifica a Teologia com a Antropologia, a religião com o homem. “*Não foi Deus que criou o homem, foi o homem que criou Deus...*” Marx (1818-1883) se valeu do esquema dialético de Hegel e da valorização hegeliana do Estado. Propôs, porém, a matéria, e não o Espírito, como sujeito absoluto da História. Esse princípio supõe:

– *Materialismo metafísico*: não existe nada que não seja material, e as relações humanas baseiam-se nas relações econômicas. A lei desse materialismo é a dialética, que tem como fim a suspensão da alienação. Embora o homem seja puramente corpóreo, ele trabalha para dar à natureza a face humana;

– *Materialismo histórico*: toda a História da Humanidade é fruto dessas contradições ou luta de classes. Assim, as classes dominante e dominada procuram justificar sua situação através de tudo aquilo que ultrapasse a estrutura econômica: a cultura, a religião, etc.

– *Humanismo ateu*: a exclusão de Deus permite a emancipação humana. Freud (1856-1939), na sua psicanálise, apresenta pressupostos antropológicos, procurando defender o homem da tentativa de descobrir a gênese psicológica da religião e da idéia de Deus. Freud afirma que, para defender-se da força da natureza, assim como, de outra forma, a criança teme o pai e, sabendo que não pode contar com ele

para sempre, transporta esta projeção para a natureza, o homem olha-a como um pai todo-poderoso, ao qual chama Deus. Por meio deste enfoque, a religião é a perpetuação do infantilismo na vida humana.

Notadamente, podemos sintetizar em Nietzsche a tentativa de transmutação dos valores, com a qual buscava subverter a hierarquia dos valores da cultura grega e do Cristianismo. Na sua crítica, Nietzsche procurou derrubar todos os valores absolutos da lógica (verdade), da moral (virtude), da metafísica (ser) e da religião (Deus), fazendo ver que esses valores são decadentes e alienantes, um verdadeiro bloco sobre a estrada que conduz o homem em direção ao super-homem.

Heidegger (1889-1976) afirma que o pensamento de Nietzsche é essencialmente uma “*metafísica dos valores*”. A Metafísica nietzscheana abrange dois momentos: um negativo e outro positivo. No primeiro, os valores supremos são desvalorizados. Aqueles valores que a tradição do pensamento ocidental considerou mais altos (o ser, a verdade, o bem, o belo etc.) são esvaziados do significado fundamental que tinham mantido no curso dos séculos. O momento positivo é aquele em que Nietzsche realiza a inversão dos valores: valor é, agora, tudo o que contribui para a manutenção e o de desenvolvimento de um só mundo: o mundo material e histórico.

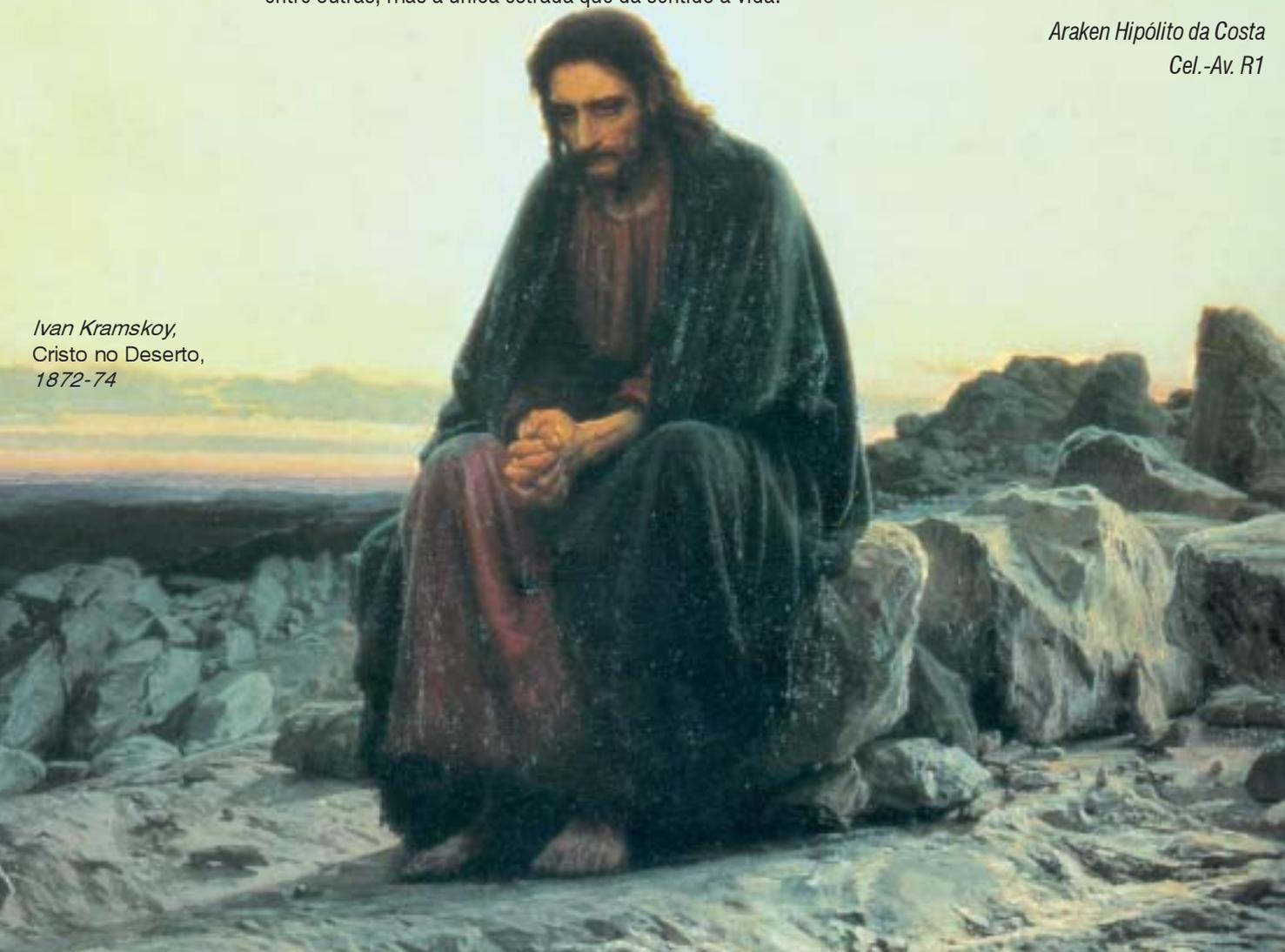
Como consequência histórica, esses argumentos conduzem a ideologias totalitárias como o nazismo, o comunismo, dentre outras e, ao mesmo tempo, levam ao relativismo moral e a toda sorte de interesses escusos.

Para debelar tais argumentos, diz S. Tomás que devemos aprofundar a fé sustentando-a pela razão, evitando o lado oposto: o fundamentalismo religioso, tão danoso quanto o materialismo.

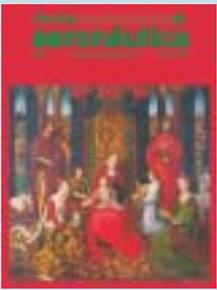
Neste Natal, merece uma reflexão o significado do nascimento de Jesus Cristo, que traduz Deus em linguagem humana e revela, sobretudo, seu infinito amor para com os homens. O Cristo não é uma verdade entre outras, mas a única estrada que dá sentido à vida.

Araken Hipólito da Costa
Cel.-Av. R1

Ivan Kramskoy,
Cristo no Deserto,
1872-74



Hans Memlinc –
Retábulo da
Virgem e de São
João - 1476



Revista  **aeronáutica**
nov./dez. 2005 **253**
revista@caer.org.br

Editorial 1

Araken Hipólito da Costa - Cel.-Av. R1

4 Palavras do Presidente

União: mais importante do que nunca!
Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Frota

Pioneirismo Histórico 6

Expansão Territorial da Força Aérea Brasileira
Ten.-Brig.-do-Ar Ref. Marcio N. A. Moreira

10 A Saga da Integração Nacional

Operações Estratégicas
na Fronteira Norte da Amazônia
Aíldon Domellas de Carvalho - Cel.-Av. Ref.

Ensaio 14

Ponto de Vista
A. S. Luzardo - Cel.-Av. R1

16 Realização de Ideal

Turma Agora Vai - Fim de um ciclo
Celestino C. Wanderley Neto - Cel.-Int. Ref.

Política Internacional 18

Matrizes do Pensamento Estadunidense
Manuel Cambeses Júnior - Cel.-Av. R1

20 Análise Conjuntural

De Homens e de Porcos
Luís Mauro Ferreira Gomes - Cel.-Av. R1

Homenagem Póstuma 23

David Rosal Gabriel
Luís Gabriel

24 História Política Universal

Introdução à Democracia
Maj.-Brig.-do-Ar Ref. - Umberto de Campos Carvalho Netto

28 Saúde

Risco de Doença Cardiovascular:
o que fazer para diminuí-lo
Maj.-Brig.-Méd. R1 - Dr. Ricardo Luiz de G. Germano

In Memoriam 31

Silêncio e Flores
Ernesto Caruso - Coronel do Exército R1

32 Comportamento

Impostores e Cleptomaníacos
Josué de Castro - Médico e Professor

Solidariedade 34

O Terror das Águas - Blumenau 1983
Ten.-Brig.-do-Ar Sergio Pedro Bambini

36 Análise

Aquisição de Materiais de Defesa
Ten.-Brig.-do-Ar Ref. Sergio Xavier Ferolla

Relembrando 39

O Movimento de Março de 1965
Marcelo Hecksher - Cel.-Av. R1

42 Liderança

Proposta aos Profissionais da Força Aérea
Maj.-Brig.-do-Ar Ref. Lauro Ney Menezes

Homenagem 44

O Pai da Aviação –
Alberto Santos-Dumont – 2ª Parte
Fernando Hippolyto da Costa - Cel.-Av. Ref.

46 Literatura

Livros que Amei
Livros do INCAER

Natal 2005 48

UNIÃO, MAIS IMP

Brasília, 14 de setembro de 2005.

A Sua Excelência o Senhor
Ten Brig Ar IVAN MOACYR DA FROTA

Prezado Brigadeiro Frota,

Um dos componentes mais interessantes da abordagem do universo aeronáutico, em especial aqueles ligados aos assuntos sociais, é o nosso Clube da Aeronáutica. A já quase sexagenária e tradicional Instituição é um belo barômetro da situação da Força Aérea e, por conseguinte, do Brasil, por reunir riquíssimo grupo pensante que se debruça sobre a análise da conjuntura da Aeronáutica e da história nacional contemporânea.

Não poderia silenciar após ler a vossa Mensagem relativa às comemorações do 59º do Clube de Aeronáutica.

Vossa Excelência, voz ativa e exemplo respeitado de brasilidade, sempre foi legítimo em suas opiniões, quer na grandeza no conteúdo, quer na forma de expressão.

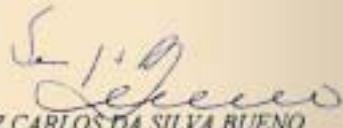
"Nossa irrestrita união é mais importante do que nunca."

Esse seu apelo ao sentido de grupo é matéria-prima para que toda a nossa sociedade, composta do somatório dos que vestem e daqueles que vestiam o azul barateia, continue exigindo das nossas instituições públicas reações firmes e exemplares.

Esperamos finalmente que todos os segmentos da República se mobilizem no sentido de introduzir agravamentos penais em crimes motivados pela falta de decoro e de ética.

Que Vossa Excelência continue com o incansável vigor para prosseguir com a mesma pressa, a mesma gravidade, dedicação e nobreza de intenções, absolutamente essenciais para o crescimento de nosso Clube, desenvolvimento de nossa Força e enriquecimento moral de nosso País.

Respeitosamente,


Ten Brig Ar LUIZ CARLOS DA SILVA BUENO
Comandante da Aeronáutica



ORTANTE DO QUE NUNCA!

No momento em que nos aproximamos do final de mais um ano de trabalho, alvitrei transcrever, na íntegra, a distinta carta enviada pelo Comandante da Aeronáutica, registrando toda a grandeza de espírito com que tem conduzido os destinos da Força Aérea.

Destaca-se, aqui, a excepcional prioridade que sua habilidade administrativa conseguiu obter das autoridades federais, em proveito de nossa Força, como também, o trabalho que realiza no sentido de harmonizar e integrar o pensamento coletivo da Família Aeronáutica, em todos os seus segmentos, sendo a carta que divulgamos, uma constatação de tal propósito.

Sabemos que algumas manifestações do pensamento do Clube de Aeronáutica, tornadas públicas em nome dos anseios da maioria de seu Quadro Social, algumas vezes, têm causado constrangimento ao Comandante militar, se considerarmos suas responsabilidades no círculo de governo do qual participa. Porém, sua nobre compreensão sobre a imprescindível liberdade de expressão da entidade que temos a honra de dirigir jamais lhe permitiu impor-nos qualquer tipo de cerceamento.

Cresce, assim, S. Exa. aos olhos de seus comandados, por reconhecer que a coerência de atitudes é, dos atributos, o mais belo do ser humano, na sua caminhada pela vida, infenso às pressões conjunturais, quaisquer que sejam, quando prioriza a intocabilidade do seu pensamento, a despeito do preço que, para isso, tenha que pagar.

Assim, ao final de mais um ano de existência, nossa associação reafirma sua disposição de procurar representar os legítimos anseios de seus associados, em estreita sintonia com o Comando da Força e com os interesses da Família Aeronáutica.

Neste momento, pois, em que o País vive um dos seus mais tristes períodos, quando os valores éticos e morais são relegados a um plano secundário, ressalta o destaque da observação grifada na carta do Comandante, quando reitera, **como mais importante do que nunca, a irrestrita união**, não só, da Aeronáutica como, também, da Família Militar, como um todo e de todas as pessoas de bem deste País para, em grande mutirão nacional, conduzir a Pátria brasileira para o definitivo resgate de sua dignidade, em busca de um Brasil verdadeiramente responsável, fraterno e justo.

Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Frota

Presidente





Expansão Territorial da

Ten.-Brig.-do-Ar Ref.
Marcio N. A. Moreira



Será que podemos comparar a expansão da Força Aérea Brasileira com a expansão do domínio português no Brasil? Talvez inadequado e até ousado, mas nem tanto. Vejamos por quê: a expansão portuguesa foi acertada mesmo antes do “*descobri-*

mento” do Brasil. Em 1494, foi assinado o Tratado das Tordesilhas entre os reis de Portugal e Espanha, o qual selou as ambições de conquista de ambos os poderes marítimos do desconhecido resto do mundo. Na verdade os portugueses foram mais ambiciosos e aventureiros, de tal maneira que a linha traçada a 370 léguas dos Açores foi logo ultrapassada, em parte pela imprecisão dos mapas da época. A conquista foi consagrada pelas muitas levas de

açorianos a partir de 1524, e que foram distribuídos, inicialmente, de Belém até Laguna, no atual estado de Santa Catarina e, depois de alguns anos, levados até à atual cidade de Porto Alegre.

Nesta síntese está assim marcada a conquista da Costa Atlântica do Brasil. Felizmente, para nós brasileiros, os novos brasileiros desprezaram a tal linha imaginária traçada pelo Tratado e foram adentrando o continente, porém não muito distante de 100 a 300 km da costa. É verdade que outras incursões eram realizadas sem resistência de qualquer parte; as “*entradas e bandeiras*” de Domingos Jorge Velho e de outros bandeirantes levaram o domínio Brasilico-português até à localidade das presentes ruínas do Forte Coimbra. Contudo isso não foi suficiente para a conquista e o desenvolvimento do Brasil interior. Muitos séculos se passaram e até ao século XIX o Brasil era verdadeiramente um país costeiro.





Força Aérea Brasileira

PRIMEIROS PASSOS

Porém, o que essa situação de fato tem a ver com a expansão da FAB? Tudo, pois a expansão da Força Aérea acompanhou *"pari passu"* a conquista costeira do território nacional.

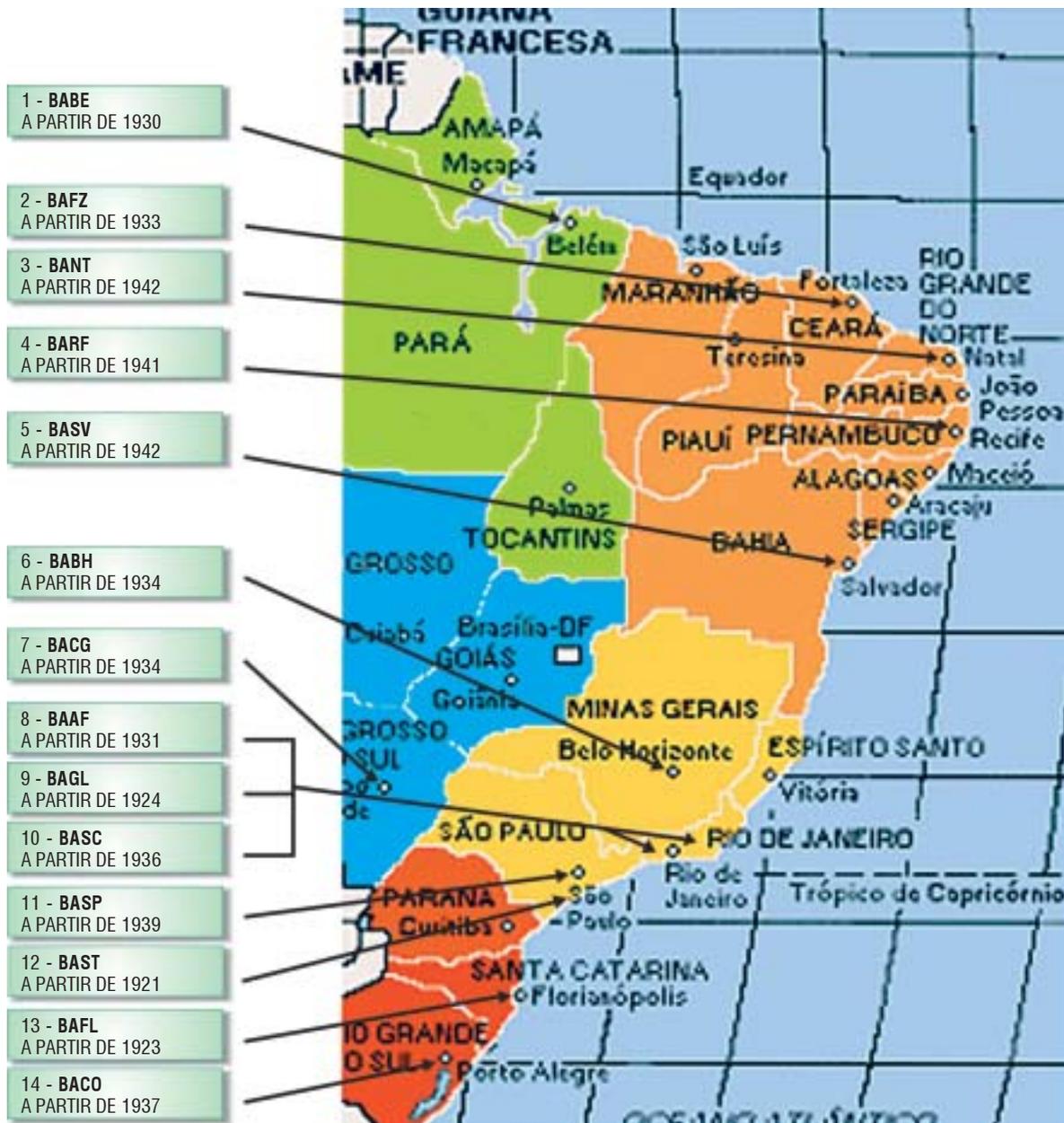
Rememoremos onde estava a FAB antes de e logo após 1941, ano de criação do ministério da aeronáutica e da força aérea brasileira:

À exceção da Base Aérea de Campo Grande, todas as demais bases aéreas estão no/ou próximas do litoral, assim confirmando duas tendências históricas:

1. A expansão e o desenvolvimento do Brasil foram fortemente influenciados, pela proximidade da costa, função da maior facilidade do transporte marítimo;

2. As atividades aéreas já existiam mesmo antes da formalização das bases aéreas, mas somente o advento da Segunda Guerra Mundial permitiu a expansão e a consolidação das Unidades aéreas.

Não fosse a Segunda Guerra Mundial, existiria a Força Aérea como hoje a conhecemos?



VONTADE PRÓPRIA

A partir da década 50 a FAB passou a dar fortes passos dirigidos por vontade própria.

Em 1952, o Ministro da Aeronáutica, Brig. Nero Moura, vendo a precária situação das aeronaves da Aviação de Caça, determinou a compra de 70 aeronaves de combate *Gloster Meteor* MK 8, que foram alocadas inicialmente na BASC e, mais tarde, na BACO. Não foi somente uma compra para substituir aviões obsoletos; a infra-estrutura da BASC foi

bastante melhorada, o que ensejou, mais tarde, a recomposição da infra-estrutura da BACO. Todas as demais aquisições de aeronaves novas ou reformadas foram sempre dirigidas aos locais das antigas bases aéreas.

Nas décadas de 60, 70 e 80, foi despertado, além do espírito fabiano por novas conquistas, o espírito JK de desenvolvimento do interior. Senão vejamos:

Foi criada e ativada a BAMN;

Foi ativado o NUBAPV;

Foi criada e ativada a BABR;

Foi planejada e implantada em Anápolis a BAAN (ativada em 1972, berço dos MIIIBr durante 33 anos);

Foi desativado o NUBACG e ativada a BACG;

Foi criada e ativada a BASM.



O grande arco atlântico da FAB passa a ter nova forma geométrica, dando a entender que o ímpeto de desenvolvimento da Força para o interior se vai concretizando.

UMA NOVA FAB 1990-2015

Consolidada a territorialidade da FAB, faltava, ainda, a conquista do almejado território amazônico, desafiador, imenso e parcialmente conquistado. Sua imagem é assustadora não só pela sua dimensão de 5.2×10^6 km² como, também, pela imensa "rain forest", biologicamente rica e diversificada.

Os fabianos que viveram em Belém e Manaus sabem bem o que é enfrentar esse gigante desejado por muitos e difícil de ser conquistado.

É interessante lembrar que a FAB, há mais de 60 anos, desbrava essa região, que só era alcançada, em muitas localidades, pelos aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN), transportando pessoas e material, levando assistência médica, alimentos e correspondência.

Os antigos governos federais não deram muita importância à Amazônia e, só recentemente, descobriram que havia um rico império vegetal e mineral à sua disposição. Só depois da descoberta de que estávamos sendo invadidos por bandidos é que foram toma-

das medidas necessárias para a proteção dessa área cobiçada por estrangeiros que, há longo tempo, vagam pela Floresta, pesquisam, extraem minerais e vegetais, catequizam indígenas, sem falar nas incursões que fazem transportando cocaína e outras drogas.

A FAB tem sido sempre pioneira e dessa vez realizou o maior projeto que até hoje foi realizado em nosso País: o SIPAM/SIVAM, verdadeiros marcos da interiorização da moderna tecnologia e conquista da Amazônia.

Ao longo da implantação do SIVAM, a FAB se lançou no projeto e na fabricação do A-29 (Super Tucano), aeronave de concepção nacional. Será responsável pela família de aeronaves militares mais produzidas no Brasil, num total de 99 aeronaves.

Possivelmente, grande número dessas aeronaves será deslocado para a Amazônia, onde elas serão alocadas nas futuras Bases Aéreas de **São Gabriel da Cachoeira, Eirupenê e Vilhena**, bem como nas existentes Bases Aéreas de **Boa Vista e Porto Velho**.

Será que termina agora o desafio de expansão da FAB?



Certamente que não! Até 2015 serão adquiridas e fabricadas no Brasil novas aeronaves de combate, que completarão a defesa aérea da Região Amazônica ■



Operações Estratégicas

Ailton Dornellas de
Carvalho – Cel. - Av. Ref



*Vista aérea
do Campo de
Pouso de
Jacareacanga,
captada pelo
CBERS –
China-Brazil
Earth Resources
Satellite (Satélite
Sino-Brasileiro
de Recursos
Terrestres)*



na Fronteira Norte da Amazônia

Operação Tiriós – 1960

O distante maciço das Guianas, sem se mostrar nitidamente, parece que só existe nos mapas.

Rios preguiçosos escoam dos degraus das serras para o Amazonas, dificultando o avanço do homem.

Do Amapá para Roraima, só a mata desconhecida e nuvens carregadas. Entre as cidades de Oiapoque e Boa Vista, seus campos de pouso são os únicos apoios nos 1.800 km da fronteira com as Guianas, contornando, com um certo medo, a Serra de Tumucumaque.

O então Chefe do Estado-Maior da 1ª Zona Aérea, Cel.-Av. João Camarão Telles Ribeiro, teve a visão estratégica e prospectiva de construir uma pista intermediária na divisa com o Suriname, aproveitando o descampado natural, estimado em 10.000 km².

Os objetivos da missão, considerando o espírito FAB/Missionário/Índio, previam a construção de uma pista pioneira a 30 ou 40 km da fronteira e a instalação de um Destacamento de Proteção ao Vão e de uma missão franciscana, atraindo, inicialmente, 1.200 indígenas (*Tiriós*, do grupo *Karib*).

Após poucos meses de árduo trabalho, obstinação e vontade de cumprir a missão (nas corredeiras do Rio Paru do Oeste, as canoas eram empurradas por sobre as pedras), a pequena tropa realizou o planejamento.

As aeronaves que operam na área passaram a ter mais um aeródromo alternativo, mais um porto de reabastecimento, informações meteorológicas e tráfego aéreo.

Tempos depois (1997), Tiriós é sede de uma unidade de telecomunicações, contando com a moderna tecnologia do SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia), com comunicação por satélite, vigilância radar e monitoramento das frequências veiculadas na área

e, também, um pelotão do Exército, apoiados pela FAB.

Ao sobrevoar a área, há os que vêem “*algumas casinhas*”; há os que imaginam como deve ter sido difícil a implantação dessa infra-estrutura em região tão remota; e há os que vêem a presença do governo...

Sempre vale a pena lembrar que poderíamos ter pedido para a Guiana Francesa 89.500 km² do Rio Oiapoque ao Araguari (Questão do Amapá, 1900); e que perdemos 19.630 km² para a Guiana Inglesa (Questão do Pirara, 1904).

E Tiriós, valeu a pena? Como disse o poeta, “*tudo vale a pena, se a alma não é pequena* (...)”

Operação Parima (1961)

Foi o planejamento mais complexo e também a missão mais gratificante da era Camarão, com um leque de soluções alternativas, às vezes confundidas com improvisações.

Desde 1935, a Comissão Demarcadora de Limites, presidida pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Brás de Aguiar não conseguia domar as Serras do Parima. A implantação dos marcos também se tornara impraticável, na campanha do General Bandeira Coelho, dez anos depois. Os Rios Parima e Uricacoera desorientavam até aos ousados garimpeiros...

A concepção da Operação na fronteira com a Venezuela previa a construção de pistas no topo da Serra, a 1.500m.

Uma primeira fase reuniu a logística no “QG” da Fazenda Santa Rosa, onde também seriam realizados os treinamentos, inclusive de pouso em pistas não preparadas (uma competição de pouso-curto foi vencida pelo Cel. Camarão, com seu “pouso glissado”).

A segunda fase consistia de: “limpeza” da área útil com bombas de NAPALM lançadas por um Catalina; pouso de assalto com aeronave L-6; marcação da



Catalina com a bomba de NAPALM, empregada nas planícies das Serras do Parima e Surucucu margeadas pelas densas florestas

pista pelo Topógrafo Santana; preparação do terreno por mateiros, para pouso do C-45 e, posteriormente, do C-47, transportando operadores e um trator D-2.

As Cartas Aeronáuticas disponíveis despertavam mais dúvidas do que forneciam ajuda. Trechos “em branco” e alertas como “*dados incompletos*” e “*dados de altitudes não confiáveis*” forçaram a escolha de outra área mais a leste.

Um helicóptero H-13 daria apoio às emergências, em face da alta possibilidade de acidentes. Por ironia do destino, o próprio helicóptero acidentou-se na mata, ao procurar uma clareira de reabastecimento.

Mas as duas pistas foram construídas, apesar dos prognósticos duvidosos. E mais, os Campos de Auaris e Surucucu foram concluídos já na extensão da operação, em 1962-1963.

Parima “A” foi abandonado, após um reconhecimento de T-6, acompanhando um divisor de águas

até o Rio Orinoco.

Como saber dos resultados sem a coragem de tentar e a confiança da experiência?

Hoje, Surucucu tem uma UT/UV (Unidade de Telecomunicações/Unidade de Vigilância) com toda a operacionalidade do SIVAM, um pelotão do Exército e um posto da FUNAI, vizinhos aos evangélicos americanos, na área desde 1960.

Operação Mapuera – 1963

A construção de pistas na fronteira sudeste de Roraima com a Guiana foi um chamamento para dar vida à região.

As grandes árvores e os rios traiçoeiros são guardiões da floresta, da fauna e de seus mistérios.

Na década de 60, uma “república cooperativa” de Cheddy Chang atraiu os asiáticos, na maioria indianos e malaios. Além da cultura completamente diferente, com promessas de terras, esta abertura política poderia abrigar alianças contrárias aos interesses brasileiros e à nossa formação democrática.

As cabeceiras dos Rios Anauá e Cafuini são áreas de difícil acesso e de alta precipitação pluviométrica, mas eram as mais indicadas para as novas pistas.

Os planejamentos enfrentaram esse duplo desafio (somente os vôos de reconhecimento da área consumiram 40 horas) e optaram pela combinação do assalto vertical (por nove pára-quedistas do Exército) com a experiência das equipes da 1ª Zona Aérea, hoje 1º Comando Aéreo Regional (I COMAR).

Anauá, nas bordas dos campos gerais de Roraima, foi concluída em prazo relativamente curto.

Já as dificuldades de Cafuini acarretaram a mudança da clareira “Pelegrino” para uma alternativa mais a leste (a aeronave L-6 de apoio pilonou*).

Placas metálicas foram lançadas por um SA-16, para aplacar a reação lodosa da terra ferida.

Com os primeiros 100m desmatados, uma providencial aeronave STOL L-19 iniciou o apoio logístico e a rotatividade do pessoal que chegou pelos Rios Trombetas e Cafuini. A conclusão dos trabalhos dos hercules da COMARA foi uma questão de garra, orgulho e corrida contra o período de chuvas (isto é, de mais chuvas).

Anauá foi desativado após breve operação do CAN da Amazônia. Os imponentes índios Wai-Wai (Grupo Karib) foram remanejados para Porto Trombetas.

Mas o cordão de vigilância foi recompletado com o asfaltamento de Bonfim e Normandia, sedes de Companhias de Selva do Exército Brasileiro.



“Os homens passam, suas obras permanecem”... Há críticas: “temerários pousos noturnos em Anauá”...; e “pousos em trilhas de jipe em Gun’ Strip e Ganashen”...

Poderiam ser respondidas: “mas eu também as fiz, como tenente...”

Operação “Cabeça do Cachorro” – 1976

Outro amazônida de coração, com o mesmo espírito FAB/Missionário/Índio, continuou a construção de pistas para a segurança da fronteira norte.

O então Comandante do Iº COMAR, Brig. Protásio Lopes de Oliveira, visitava a região do alto Rio Negro, conhecida como “a cabeça do cachorro”.

Em São Joaquim, a escola local tinha uma placa: “*Escuela para Niños*”. Apesar da boa vontade da professora colombiana, o Brig. Protásio resolveu redimensionar a mentalidade de todas as localidades da área. Talvez pela experiência herdada no apoio aos missionários de Porto Nacional, Araguaia, Tapirapé, Gorotire e Kubenkankern, desde quando era capitão, ajudante-de-ordens do Brigadeiro Eduardo Gomes.

Querari, São Joaquim, Tanuí-Cachoeira, Serra dos Porcos, Traíra, Santo Atanasio, Içana, Uapuí e Anamoim tiveram novas pistas (e escolas)...

O avanço dos aeródromos para o oeste, iniciado na década de 50, escolheu Tapuruquara, Maturacá, Cucuí, São Gabriel da Cachoeira, Pari-cachoeira, Iauaretê e Japurá, a maioria com Unidades do Exército.

Das pistas pioneiras às asfaltadas, a COMARA

chega aos 50 anos com a expressiva marca de 150 construídas na maior floresta tropical do mundo.

Completado o arco da vigilância, são operacionalizadas, em São Gabriel da Cachoeira, o 1º Batalhão de Engenharia, posteriormente 1ª Brigada de Selva, uma UV/DT (Unidade de Vigilância/Destacamento de Telecomunicações) do SIVAM e uma Base Aérea.

Assim como a Arte, a Defesa não tem preço. O custo-benefício mede-se pela segurança que deve preceder ao desenvolvimento. O poder de retaliação desestimula a cobiça internacional e o narcotráfico.

Herdamos do colonizador português uma Amazônia de 4.161.000 km², incluindo a “cabeça de cachorro”, que foi a maior pretensão dos espanhóis, com um ardiloso triângulo de linhas geodésicas, tentando confundir o Tratado de Madrid, de 1750.

Continuamos a política da Coroa lusitana, que já dera certo na Ásia e no avanço para a Amazônia Ocidental, com militares à frente, seguidos pelos missionários. A coragem da Força com a força da Fé.

Este conjunto de acertos é fruto dos ideais de nossos antepassados, por uma Amazônia melhor, mais vigiada e desenvolvida. E, com maior poder de pronta-resposta, certamente menos cobiçada.

O pensamento final é dirigido a alguns que se resignam com uma rotina estéril; aos que reclamam da falta de sorte e de meios; e aos escolhidos que realizam obras e transformam a realidade. ■

* *Acidente em que a aeronave fica apoiada nas duas pernas do trem de pouso e no nariz.*

Lançada à sotavento pelo Catalina, a bomba começa a limpar as clareiras selecionadas



A. S. Luzardo
Cel.-Av. R1

PONTO D

Os meus sonhos são devaneios pelas coisas belas e impossíveis, mas sonhar sempre foi o meu maior defeito. Quanto mais sonho, mais longe eu fico da realidade dos homens, pelo menos da maioria.

Há poucos dias, li uma crônica do João Ubaldo Ribeiro intitulada “Precisa-se de matéria-prima”. Interessante como ela se encaixava dentro do atual contexto brasileiro. Podemos resumir dizendo que “*tudo está perdido, menos a lei de Gerson*”.

Nas minhas pesadas críticas ao atual sistema, venho repisando na necessidade de encontrarmos pessoas dignas e respeitadas para darem credibilidade às ações públicas que permitam encontrar os caminhos para uma sociedade honesta de propósitos.

Dou a minha mão à palmatória pelas até violentas e, por vezes, injustas críticas que faço aos meus companheiros militares por suas ações ou omissões. Tenho cometido o erro de generalizá-las. Sei que

elevada e com plena vontade de realização profissional. Para isso, seus conhecimentos devem ser estimulados e atualizados. Os Chefes, acreditados e respeitados. Praticamente assim se mantêm o equilíbrio disciplinar e o poder operacional e político dentro da Força Aérea.

Não acredito que apenas voar seja o suficiente para o piloto de combate. Os tempos mudaram e a tecnologia deu um salto muito maior que as nossas pernas. A defasagem em algumas áreas é imensa.



incomodo a muitos, mas a falta de credibilidade das promessas governamentais é o foco da minha impaciência com relação às atitudes de aceitação, aparentemente, de forma passiva ou conivente. O reajuste salarial é uma dessas promessas. O reaparelhamento das FFAA é outra. O revanchismo e as calúnias contra os militares já fazem parte do nosso dia a dia. O nosso silêncio me incomoda. Esse meu radicalismo vem acontecendo, certamente, por me faltarem todos os dados que envolvem os complexos assuntos da área político-militar. Minha pouca experiência me impede de enxergar mais longe. O meu enfoque pode estar meio distorcido ou “*démodé*”. Por exemplo, na Força Aérea dos meus sonhos, acredito que deva ser dada uma maior atenção às ações diretamente ligadas à defesa e ao ataque. As forças de transporte e de apoio ao combate também devem receber igual tratamento, porém voltado para a atividade-fim. Os recursos humanos devem ser mantidos em sua dignidade, moral

O estímulo à pesquisa e ao desenvolvimento na área aeroespacial é fundamental para a atualização do conhecimento.

A conjuntura política mantém uma pressão desgastante nas ações e nas intenções das Forças Armadas. É prudente não cedermos tanto como estamos fazendo. O esforço atualmente existente para a manutenção da Força Aérea tenderá a mascarar essa situação se for voltado para a satisfação aparente dos combatentes com vôos que pouco se destinam a aplicação da Força, deixando a desejar no conhecimento e na aplicação das armas aéreas. Ao nos voltarmos para um segmento em que o envolvimento da satisfação pessoal tende a ser maior que o da satisfação profissional, estamos escondendo um perigo muito maior, o da falência operacional do combate, na sua ação final. É como um doce para fazer a criança parar de chorar. Se abundarem aviões de transporte, por



DE VISTA

necessidade ou por conveniência, os de combate e seus armamentos não podem ser poucos e de reduzida eficácia. Devem ser suficientes para enfrentarem uma emergência de imediato.

A criatividade, apesar da falta de recursos, é determinante para a sobrevivência. A Instituição não pode permitir que matem a criatividade, nem a vontade de realização, nem o que mais for necessário para a manutenção do esforço combatente. Ela não pode se deixar enganar por promessas, nem por bombons.



Nem os homens que a integram querem esse tratamento. Nem uns, os homens, nem outra, a Instituição, merecem esse descrédito.

Na crônica do João Ubaldo, ele escreveu:

“É muito gostoso ser brasileiro. Mas quando essa brasilianidade autóctone começa a ser um empecilho às nossas possibilidades de desenvolvimento como Nação, aí a coisa muda... Não esperemos acender uma vela a todos os Santos, a ver se nos mandam um Messias. Nós temos que mudar, um novo governador com os mesmos brasileiros não poderá fazer nada. Está muito claro... Somos nós os que temos que mudar.”

Sabemos que as mudanças devem ser de todos, um esforço comum para melhorar, mas aí temos que acordar para a realidade. Também, do nosso lado, é muito dignificante e gratificante pertencer à Força Aérea, entretanto mudanças só acontecem com a

vontade de, pelo menos, um grupo de pessoas determinadas. Determinadas, honestas, dignas e éticas. É preciso juntar essas pessoas.

A corrupção é o assunto predominante no País. O Poder Judiciário não corresponde às expectativas da Nação. O comodismo penetrou na alma dos brasileiros de bem. Dentro da Força Aérea, essa praga do comodismo e da aceitação deve ser exterminada. O questionamento sobre os caminhos tortuosos pelos quais o Governo conduz o País deve ser enérgico. Temos militares muito acima da média do povo, competentes e brindados com muitas qualidades. Temos ainda o vigor e não devemos perder de vista os objetivos maiores. Imposições não devem ser, por comodismo, aceitas. Às vezes, as aparências enganam. Temos uma inteligência superior e não podemos nos deixar enganar pelas aparências. Nós, militares, temos de mudar a nossa maneira de agir e valorizar o que a Nação nos confiou. Temos a enorme res-

ponsabilidade constitucional de acompanhar de perto os rumos que o País pode tomar. Isso não é fazer revolução, mas estar presente e atento à conjuntura nacional para, quando necessário, intervir.

Esse enfoque pode estar distorcido, e bem sei que muitos dos meus colegas de farda não concordam comigo. É natural, mas parar de sonhar não posso. Sonho com mudanças. Sonho com uma Força Aérea cada vez mais forte e mais digna. Sonho com um Brasil melhor. Sonho com muitas coisas que no momento são difíceis de serem realizadas, porém possíveis. Basta querermos. Torço pelas pessoas que têm por meta a mudança de atitude da sociedade em busca de melhores condições de vida. Torço pelos idealistas que defendem essas posições e têm visão de Nação. Tenho pena dos aproveitadores, dos acomodados e dos pobres de espírito. Eles nunca nos levarão a lugar nenhum.

É o meu ponto de vista, doa a quem doer. ■

Turma AGORA



Fachada da EPCAR, a Princesinha da Cidade das Flores – Barbacena, nossa inesquecível Escola

Oito de março de 1962. Nesta data nascia a 14ª turma de alunos da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, na nossa querida BQ. Cento e vinte e oito rapazes, ainda adolescentes, mas já com ideais definidos, e vindos dos mais diversos Estados do Brasil, após a aprovação intelectual e física, iniciavam uma carreira na Força Aérea Brasileira, que hoje podemos dizer, sem errar, ser quase um sacerdócio.

Acrescida de alguns “pára-quadristas” e decrescida por alguns pedidos de desligamento, após a jornada de BQ, de onde levaram grandes recordações e excelentes ensinamentos, chegavam à Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, noventa e nove ex-alunos para iniciarem a primeira turma de Cadetes que fariam quatro anos de formação para chegar ao oficialato, juntamente com quarenta e cinco novos integrantes, denominados PQDs (vinte e um civis que haviam prestado concurso e vinte e quatro ex-alunos do Colégio Militar).

Chegaram à Escola de Aeronáutica sentindo na alma o valor histórico do Campo dos Afonsos. Só quem por lá passou sabe da empatia gerada, do

valor moral transmitido e do cheiro patriótico ali perpetuado desde 27 de novembro de 1935, e de como cada um se sentia após ser acometido pela melhor contaminação cívica que um jovem brasileiro poderia ter, fazendo-o pensar que dessa forma fosse mais brasileiro que os demais, tanto era o seu orgulho. Com um código de honra rígido, intrínseco à vida militar, somado a uma camaradagem ímpar, ali suas amizades foram imensamente valorizadas e fortalecidas, perdurando até os dias de hoje, da mesma forma, com os mesmos propósitos, com os mesmos ideais.

Normalmente o cadete iniciava o vôo já no primeiro ano, mas com a mudança do currículo para formação em quatro anos, só iniciariam o vôo no segundo ano. E depois no terceiro ano e, finalmente, apenas no quarto e último ano. Assim o cadete vivia sempre uma expectativa quanto ao seu futuro.

– *Será que este ano vai começar o vôo?*

– *Não.*

Repentinamente, em meados de 1967, no terceiro ano, veio uma ordem:



Celestino C. Wanderley
Neto – Cel.-Int. Ref.

VAI Fim de um ciclo

– Arrumem as malas; vocês vão para Pirassununga, **agora!** Vão iniciar o vôo.

Então, alguém disse:

– AGORA VAI...

Daí, a turma passou a se chamar **Agora Vai...**

Em Pirassununga, foram voados o T-21, no Estágio Primário, e o T-6 no Avançado.

Na Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, a Intendência iniciava uma nova concepção em sua formação. Foi dividida em três subespecialidades: Estatística, Suprimento e Subsistência. Pouco tempo depois, a prática mostrou que aquela concepção não dera certo e os “subespecializados” tiveram que se adaptar à “clínica geral”, à Intendência tradicional. Os aviadores (69) foram declarados aspirantes, em 31 de maio de 1968 e os intendentes (71), a 22 de novembro do mesmo ano. Os aviadores seguiram para seus estágios em Fortaleza (Caça) e em Natal (Transportes), respectivamente, e os intendentes foram distribuídos pelas diversas Organizações Militares.

Essa **Agora Vai**, que teve em seus quadros quinze oficiais-generais, encerra esse ciclo, iniciado em 1962, agora, com as promoções dos Tenentes-Brigadeiros-do-Ar Carlos Augusto Leal Velloso, Paulo

Roberto Röhrig de Britto e Neimar Dieguez Barreiro. Esse período foi iniciado com João Goulart na Presidência da República e, praticamente, se encerra tendo Luiz Inácio Lula da Silva na Chefia da Nação.

Mas essa Turma também teve a honra de receber os espadins em solenidade presidida pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, então Ministro da Aeronáutica. Viu, sentiu e participou de um crescimento acelerado do Brasil; viu nascer obras imponentes e necessárias, como a Ponte Rio-Niterói, sem a qual o Estado do Rio de Janeiro seria, hoje, um caos; e viu nascer e crescer a Usina de Itaipu, que gera energia para praticamente todo o cone sul do Brasil. Além disso, participou da evolução da Aviação a pistão para a de turbina; presenciou a erradicação da poliomielite no Brasil; viu a EMBRAER nascer e desenvolver-se; participou, nos aviões da FAB, de uma integração comovente do povo brasileiro; viu e sentiu o Brasil chegar a ser a oitava economia do mundo; e, como não se podia deixar de falar em futebol, vibrou com o Brasil ao ser bi, tri, tetra e penta.

Valeu! Na próxima reencarnação (se é que existe...), aqueles jovens, hoje quase idosos, começarão tudo outra vez... igualzinho, tenho certeza ■



Ten.-Brig.-do-Ar Carlos
Augusto Leal Velloso



Ten.-Brig.-do-Ar Paulo
Roberto Röhrig de Britto



Ten.-Brig.-do-Ar Neimar
Dieguez Barreiro

MATRIZES DO PENSAMENTO ESTADU

Manuel Cambeses
Júnior – Cel.-Av. R1



Desde o final da Segunda Guerra Mundial até aos anos setenta do século XX, a representação centro-liberal dominou o pensamento político norte-americano. Muito além do turbulento e efêmero movimento macartista, que assolou os setores progressistas durante a primeira metade dos anos cinquenta do século passado, o grosso dos setores geradores de matrizes de opinião e de pensamento provinha, habitualmente, desse atuante grupo.

O chamado “*establishment*” dominava, sem rivais, o firmamento político dos Estados Unidos. Este se encontrava conformado por uma coalizão de diversos organismos: centros de análise e investigação, como o Centro de Relações Internacionais de Nova York, fundações privadas como a “*Rockefeller*”, “*Ford*” ou “*MacArthur*”; meios de comunicação diversos, em que sobressaíam o “*The New York Times*”, universidades tradicionais da Costa Leste, tais como “*Harvard*”, “*Yale*”, “*Princeton*” etc.

Na essência, o “*establishment*” mantinha um respeito quase obsessivo pelas posturas racionais e moderadas, e via com horror a intolerância ou o fanatismo característicos de certas vertentes políticas emanadas do Sul e do Centro-Oeste desse país. Suas posturas, habitualmente, demonstravam ser moderadamente liberais e modernamente reformistas, e seu instinto apontava para o centro do espectro político.

Entretanto, o “*establishment*” entrou em crise profunda ao final dos anos sessenta e começo dos setenta, como resultado das imensas contradições internas geradas pela Guerra do Vietnã e ante o vóo desatado dos setores liberais. Ainda que a partir desse momento sua condição de epicentro de uma ampla coalizão se diluísse significativamente, os impulsos que davam vida à mesma mantiveram-se de pé.

Diários como o “*The New York Times*” e o “*Washington Post*” mantiveram, durante todos

MENTO NDENSE

esses anos, uma atitude contestatória frente aos excessos da Casa Branca e do Pentágono, da mesma maneira que de “*Harvard*” espocavam vozes profundamente críticas. Definitivamente, podemos inferir que a seiva vital que alimentava o pensamento político norte-americano à época mantinha, sistematicamente, seu vezo progressista.

Na atualidade, muito pelo contrário, é da direita política desse país que emanam as matrizes de pensamento de maior força. Uma poderosa coalizão de centros de análise, meios de comunicação, universidades e fundações de direita ocupam o espaço que no passado correspondeu ao “*establishment*”.

Centros de análise como “*Heritage Foundation*”, “*American Enterprise Institute*”, “*Center for Strategic and International Studies*”, “*Cato Institute*” ou “*Hoover Institute*” constituem os lugares de onde emergem as idéias políticas, no momento atual.

Meios de comunicação como “*Fox*”, “*Weekly Standard*” ou “*New York Post*”, de Rupert Murdoch, ou o “*National Interest*” e o “*New York Sun*”, fundados por Conrad Black, se unem à página editorial do “*The Wall Street Journal*” ou a diários como o “*Washington Times*” e a colunistas como Krauthammer, Barone, Kristol ou Boot, para criar uma matriz de opinião claramente reacionária.

De maneira análoga, universidades como “*Chicago*”, “*George Mason*” ou “*Rochester*” e fundações como “*Bradley*” ou “*Scaife*”, apontam para a margem direita do cenário político e econômico estadunidense. Esta poderosa coalizão conforma o novo “*establishment*”. A ela se une, com a força das paixões desatadas, mas não com idéias, um amplo espectro de comentaristas radicais, meios de comunicação evangélicos e “*web blogs*”.

Certamente, diante deste curioso e instigante cenário, podemos entender claramente a virada conservadora evidenciada nos Estados Unidos, nestes últimos anos. ■



De HOMENS e

Temos muitos heróis, sim!

Lembro-me bem, em uma viagem de Bandeirante, lá pelos idos de 1975, tive o privilégio de conversar com o Brigadeiro Ismael da Motta Paes (*), um dos heróis brasileiros que o Presidente da República diz não existirem. Realmente, muitos deles já não existem fisicamente, por não mais estarem entre nós. E, se hoje, não fazemos tantos heróis como antigamente, é devido a que muitos dos possíveis candidatos têm sido estimulados a preferir a segurança da covardia aos riscos do heroísmo, e, também, porque, em razão de motivações políticas mesquinhas, enaltecem-se somente os anti-heróis.

Alguém precisa dizer a Sua Excelência que os heróis estão para as nações como os santos para as pessoas. Permanecem eternamente vivos nas nossas mentes e operam milagres inacreditáveis, quando invocados com devoção.

À época, disse-me o Brigadeiro que marchávamos, a passos largos, para 1984, numa referência ao extraordinário livro do escritor inglês, de origem hindu, Eric Arthur Blair.

Na irreverência da minha juventude, ousei discordar e lhe disse que a mim me parecia que caminhávamos para o *Admirável Mundo Novo*, do também inglês e não menos genial Aldous Huxley. E ainda acrescentei que, para isso, somente faltava sintetizarem o **Soma**, já que as pessoas pareciam idiotizadas, deixando-se manipular segundo a vontade dos dirigentes, o que tornaria desnecessário o uso de violência para impor-lhes submissão.

O tempo mostraria o quanto eu estava enganado!

Os governos estão cada vez mais

violentos e invasivos. O *“Big Brother”* está aí, e, pior ainda, o Grande Irmão tupiniquim está aqui.

Digo isso, baseado, entre outros indícios, na forma despuddorada como falseiam as estatísticas e na aceitação crédula dos eleitores, aparentemente despersonalizados e desprovidos de inteligência crítica.

Há algum tempo, tivemos as eleições municipais (de outubro de 2004), e, como era absolutamente previsível, um Governo inepto e desacreditado, mas auto-suficiente e arrogante, começou a maquiagem dos dados para enganar os incautos.

Até aí, nada a estranhar. O que verdadeiramente me preocupa é não ter aparecido praticamente ninguém que pusesse em dúvida o resultado absurdo das últimas pesquisas feitas.

Vamos esperar que os outros Institutos não se deixem levar pelos mesmos ventos, pois nada mudou na situação econômica e política do País: os impostos continuam indecentes, os salários arrojados, os juros estratosféricos e, apesar de todo o sacrifício insuportável imposto ao nosso Povo, as dívidas, tanto interna quanto externa, não param de crescer.

O que, além da fraudulência dos índices divulgados, poderia explicar uma mudança tão rápida e inconsistente na percepção dos pesquisados? O resultado, amplamente disseminado, não é indicativo do milagre do crescimento, mas de mais um *“estelionato eleitoral”*.

A liberação de umas poucas verbas em troca da consciência de alguns políticos, para que votassem (em maio de 2004) o salário mínimo de duzentos e sessenta reais – parece que todos já esqueceram – não justificaria qualquer melhoria na situação econômica, que

continua exatamente a mesma, se não piorou.

Infelizmente, uma vez saído o resultado das eleições, o Governo apertará novamente o garrote vil e estrangulará a todos, até que se aproxime o outro pleito, quando novas pesquisas favoráveis serão divulgadas.

O País estará, então, muito pior, mas a quem isso preocuparia? Afinal, sempre haverá uma nomenclatura nababesca, destacando-se no meio de uma massa de sobreviventes incapazes de qualquer reação. Em nome da igualdade, todos terão sido feitos miseráveis. Quase todos. Os poucos ricos continuarão ricos, a explorar o trabalho escravo dos demais. Afinal, é em defesa dos interesses das grandes fortunas que, há muito tempo, os nossos governos vêm agindo.

Muito conveniente: as estatísticas distorcidas não somente servem para influenciar os eleitores, dando-lhes a ilusão de que a situação está melhorando, como também se prestam a dar credibilidade a eventuais adulterações no processo eleitoral, para manter, no Poder, um Governo de vocação totalitária, se rejeitado pela vontade popular.

Tudo se afigura tão claro, que só não vê quem não quer. O processo de instalação de uma ditadura está em adiantado estado de gestação. Com a invasão do Supremo Tribunal Federal pela militância política, e a domesticação da consciência de alguns de seus Ministros, o cidadão brasileiro perdeu suas últimas garantias contra as arbitrariedades de um Governo que tem demonstrado absoluto desapareço pelas Leis do País e pela vontade dos eleitores. A total insegurança jurídica já está implantada no Brasil.

Que o Poder corrompe todos sabe-



de PORCOS

Luís Mauro Ferreira
Gomes – Cel.-Av. R1

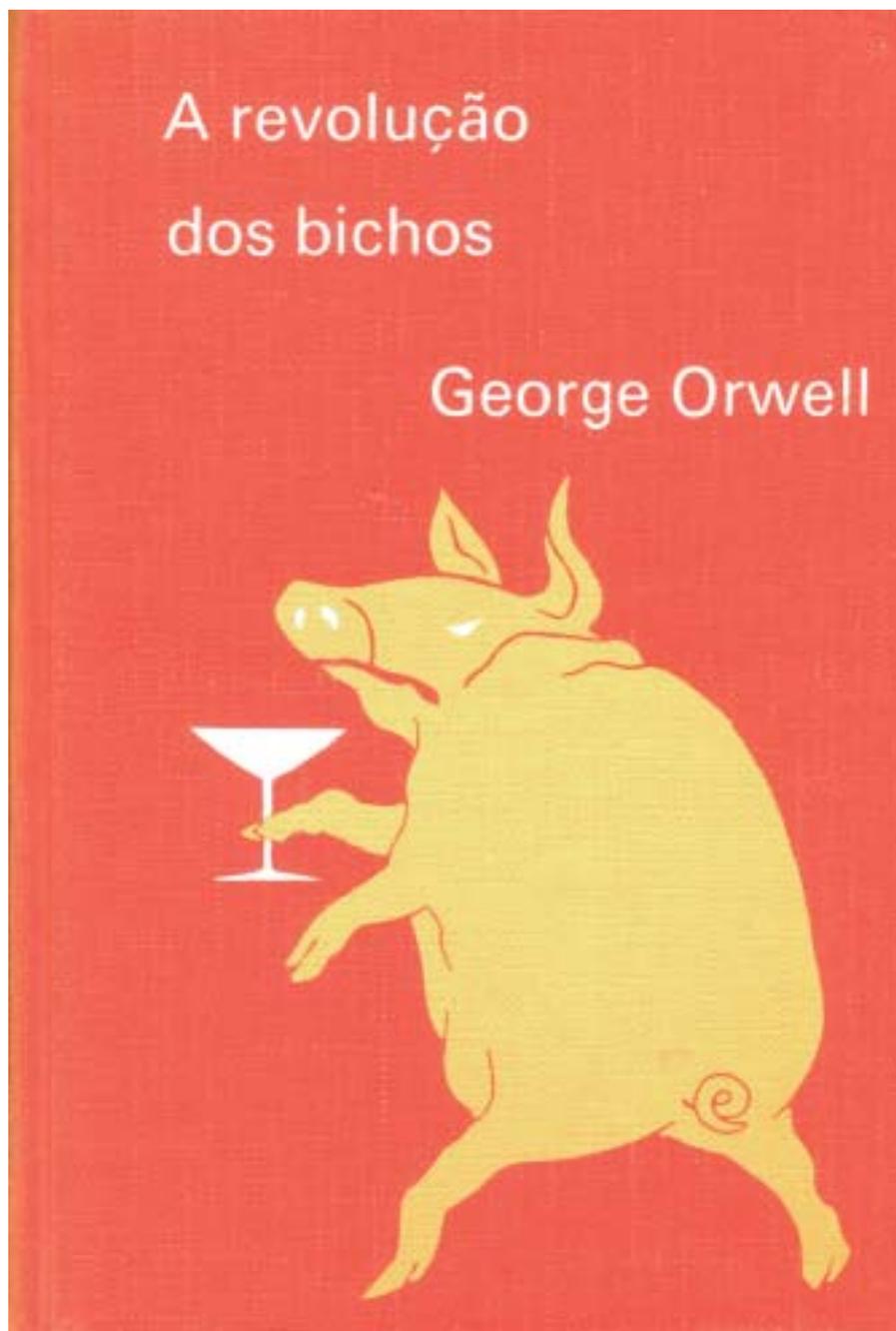
mos, contudo, o que cria os mais sanguinários tiranos é a falta de controle sobre as suas ações. O atual Governo – como ainda tem sido amplamente noticiado pela mídia que pretende calar – está tornando o seu Poder virtualmente ilimitado, mediante o uso de suborno, corrupção, coação, chantagem ou infiltração de correligionários nas Instituições que o deveriam controlar com total independência.

Mas é possível que muitos leitores estejam sentindo-se entediados, pois, sem dúvida, já devem ter ouvido muitos falarem do “*Big Brother*” e talvez pensem que eu esteja fazendo mais uma preleção anticomunista.

Não estou. Embora alguns se recusem a aceitar, o comunismo, tal como o conhecemos, acabou junto com a União Soviética.

A nossa ameaça de hoje é muito mais grave. Ela decorre da associação dos comunistas de ontem, que ficaram órfãos, com organizações mundiais, representativas dos interesses do capital internacional. Ambas as correntes são extremamente perigosas, pois seus integrantes são ideologicamente radicais ao máximo, não reconhecem nenhum limite ético ou moral, não têm qualquer respeito pelos direitos ou pelas vidas dos outros nem pelo ordenamento jurídico dos Estados onde atuam, mas adotam uma lógica própria excessivamente permissiva, em que tudo lhes é facultado, porém negado aos adversários. Além do mais, não desistem nunca de seus objetivos, somente param quando são impedidos por força maior, assim mesmo, para retomarem suas atividades tão pronto diminua a pressão antagônica.

Não seria exagero dizer-se que se trata da fusão do pior de dois mundos.



Estará então tudo perdido? Talvez sim, talvez não. Tudo depende de nós. Está na hora de escolhermos governantes comprometidos com a solução dos nossos problemas e que não tenham vinculação com quaisquer interesses internacionais.

Para me redimir do lugar comum da referência ao “*Big Brother*”, vou trans-

crever, abaixo, um pequeno extrato do final do meu exemplar, quase tão antigo quanto eu, do interessantíssimo livro *A Revolução dos Bichos*. Nele, o mesmo autor de *1984*, que usava o pseudônimo de George Orwell, conta-nos a história de uma granja explorada por tiranos humanos, em que os animais, liderados pelos porcos, fazem uma

revolução e tomam o Poder. Após muito pouco tempo...

“(...)

Nada mais havia, agora, senão um único mandamento dizendo:

TODOS OS ANIMAIS SÃO IGUAIS.

MAS ALGUNS SÃO MAIS IGUAIS DO QUE OS OUTROS.

Depois disso, não foi de estranhar que, no dia seguinte, os porcos que supervisionavam o trabalho da granja andassem com chicotes nas patas.

Nem estranharam ao saber que os porcos haviam comprado um aparelho de rádio e que estavam tratando da instalação de um telefone e da assina-

tura de jornais e revistas. Não estranham quando Napoleão (o porco que assumiu o Poder) foi visto passeando nos jardins da casa, com um cachimbo na boca – não – nem quando os porcos se assenhorearam das roupas do Sr. Jones e passaram a usá-las, sendo que Napoleão apresentou-se vestindo um casaco negro, calças e perneiras de couro, enquanto sua porca favorita surgia com o vestido de seda que a Sra. Jones usava aos domingos.

Uma semana mais tarde, após o meio-dia, apareceram inúmeras charretes subindo rumo à granja. Uma representação de granjeiros vizinhos fora convidada a realizar uma visita de inspeção. Toda a granja lhes foi mostrada e eles expressaram grande admiração por tudo quanto viram, especialmente pelos moinhos de vento. Os bichos estavam limpando a lavoura de nabos. Trabalhavam diligentemente, mal levantando o olhar do chão, sem saber a quem temer mais, se aos porcos ou aos humanos.

(...)

Não havia dúvida, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez, mas já se tornara impossível distinguir quem era homem de quem era porco.”

Qualquer semelhança entre o texto transcrito e a nossa realidade atual não terá sido mera coincidência.

Cabe-nos, porém, exclusivamente a nós, impedir que os porcos que elegemos para nos governar se “humanizem” demais ■

Nota do Editor: Este artigo foi escrito em agosto de 2004, mas a evolução dos acontecimentos o tornou premonitório e muito atual, por isso, está sendo publicado sem atualização.

(*) Major-Brigadeiro-do-Ar Ismael da Motta Paes

Herói do 1º Grupo de Aviação de Caça

Nasceu em 30 de junho de 1920. Foi um dos primeiros a atender ao chamado da Pátria, tendo sido, como primeiro-tenente, piloto de combate da Esquadilha Amarela, onde realizou a primeira de suas 24 missões de guerra, em 11 de novembro de 1944. No dia 23 de dezembro do mesmo ano, quando realizava a sua vigésima quarta missão, a última que realizaria naquele cenário, foi abatido ao norte de Parma, pela artilharia antiaérea inimiga. Saltou de pára-quedas e foi feito prisioneiro de guerra, tendo sido levado para Stettin, na Alemanha. Foi o primeiro piloto do Grupo de Caça a ser aprisionado, e o último a ser libertado, pelos russos, no final da guerra. Retornou a Pisa, em 7 de junho de 1945. No dia 18 do mesmo mês, partiu para os Estados Unidos da América, com a missão de trazer um dos novos aviões P-47 para o Brasil. Após o regresso, continuou na Força Aérea Brasileira, tendo sido um dos Comandantes do 1º Grupo de Aviação de Caça, onde transmitiu o que aprendera aos nossos novos pilotos de caça. Chegou ao posto de major-brigadeiro-do-ar na ativa, tendo falecido em 21 de fevereiro de 1997. Lamentavelmente, não recebeu homenagens à altura de sua extraordinária dimensão humana, como herói da Pátria e como cidadão exemplar. Deixou, contudo, para as novas gerações da Força Aérea Brasileira, a imagem de um grande líder, muito exigente no cumprimento das missões das importantes organizações militares que comandou, mas, ao mesmo tempo, bastante preocupado com o apoio social a seus comandados e às suas famílias. O articulista sente-se grandemente honrado por lhe ter sido dada a dignificante oportunidade de ser chefiado pelo Brigadeiro Motta Paes e de ter com ele voado por muitos recantos deste nosso maravilhoso País.





Na última morada seus irmãos Veteranos
o saudaram com um ADELPHI!

DAVID ROSAL GABRIEL

4 OUT 1926 - 8 SET 2005



Natural de Recife (PE) e filho de Rosal Gabriel e Amélia Rosal Gabriel.

Ainda jovem, aos 9 anos, perdeu o pai e, logo depois, veio morar no Rio de Janeiro, com a irmã e a mãe. Em agosto de 1943, portanto ainda com 16 anos, foi incorporado nas fileiras da FAB, lá na Companhia de Guarda da Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos (RJ).

*Síntese
biográfica
recebida de
Luis Gabriel,
filho do
veterano Davi*

Com a criação do 1º Grupo de Caça em 18 de dezembro de 1943, o jovem David resolveu apresentar-se como voluntário para seguir para o campo de batalha e vingar os patrícios mortos pelos torpedea-mentos alemães.

Esteve com o Grupo de Caça durante toda a Campanha da Itália, onde integrava o pessoal de apoio de terra, trabalhando no Suprimento Técnico.

Após regressar ao Brasil, ainda como soldado da FAB, foi condecorado pelo seu clube de coração, o Clube de Regatas do Flamengo, por ter sido um atleta do clube que esteve no “front”.

No final de 1945, pediu baixa da FAB e foi para Volta Redonda (RJ) trabalhar na recém-criada Companhia Siderúrgica Nacional, onde permaneceu até se aposentar, em 1967.

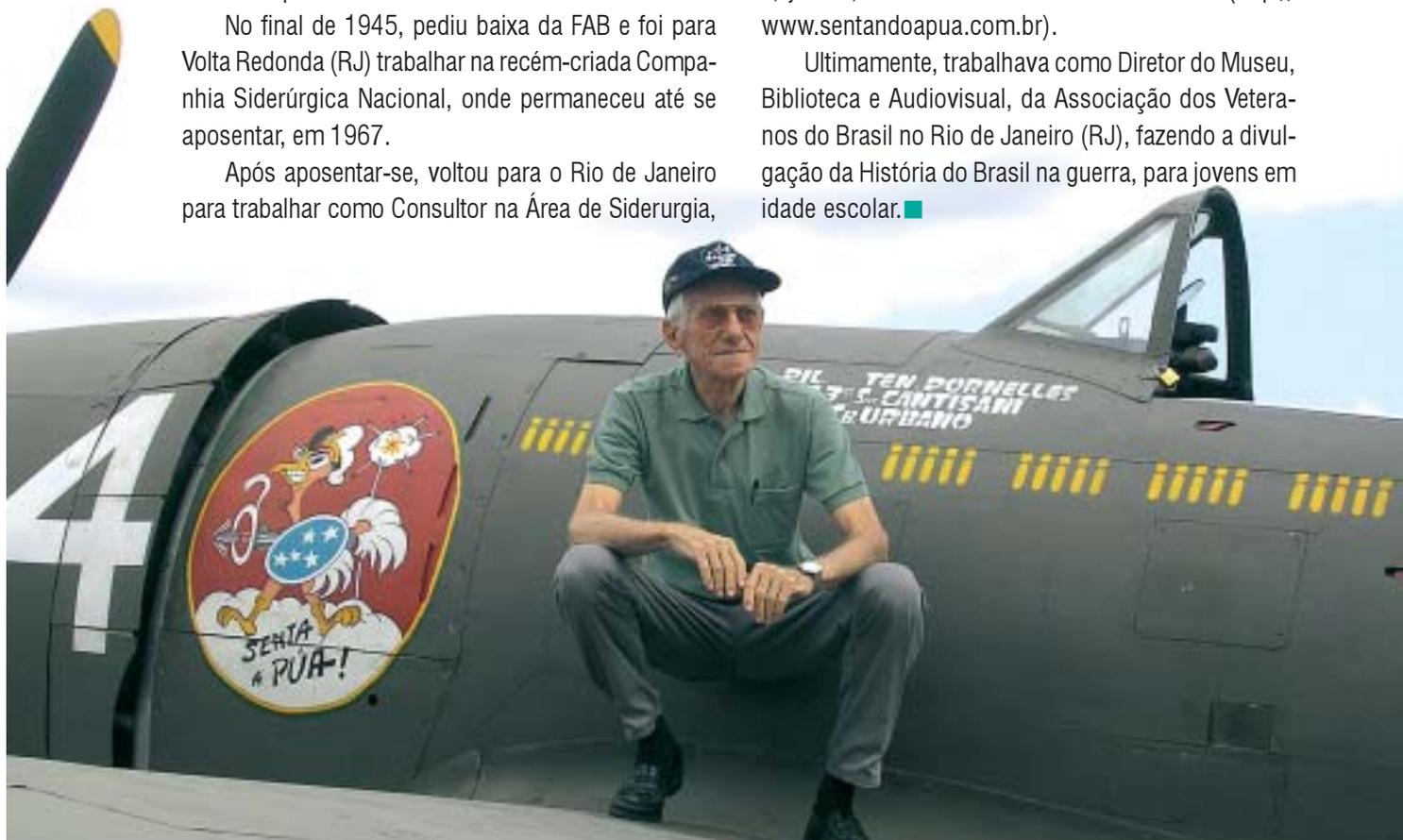
Após aposentar-se, voltou para o Rio de Janeiro para trabalhar como Consultor na Área de Siderurgia,

onde atuou em várias empre-
sas destacando-se: Metalon,
Noronha, Internacional de Engenharia e ENEFER.

Esteve a serviço na Martinica, em Trinidad e Tobago, na Inglaterra, na Espanha, na Polônia, na Romênia e na China, desenvolvendo trabalhos de inspeção de material ferroviário e de avaliação do parque tecnológico desses países.

Entre alguns companheiros da FAB, era chamado de “Memória Viva do Grupo” e, por isso, ajudou o Diretor do filme *Senta a Pua!* e os autores dos livros “*Heróis dos Céus e Histórias do 1º Grupo de Caça*”, na identificação de fotos da época. Manteve, ao longo desses anos todos, um grande acervo de documentos sobre o 1º Grupo de Caça, inclusive alguns que a própria Aeronáutica requisitou para microfilmagem. Em 2001, resolveu aceitar a idéia do filho mais novo e realizar o trabalho de divulgar, na Internet, a História da FAB na Segunda Guerra Mundial e, juntos, criaram o “site” *Sentando a Pua!* (<http://www.sentandoapua.com.br>).

Ultimamente, trabalhava como Diretor do Museu, Biblioteca e Audiovisual, da Associação dos Veteranos do Brasil no Rio de Janeiro (RJ), fazendo a divulgação da História do Brasil na guerra, para jovens em idade escolar. ■





*Maj.-Brig.-do-Ar Ref.
Umberto de Campos
Carvalho Netto*

A Ciência Política é a Ciência do Estado e, seu objeto, são os fatos políticos, ou seja, tudo aquilo que diz respeito à organização, ao funcionamento e ao exercício do poder político pelo Estado.

Dentro desse amplo espectro, cabem temas

como os tipos de Estado, as formas, os sistemas e os regimes de governo, as ideologias, os partidos políticos e os sistemas eleitorais, para citar apenas alguns, todos recebendo um tratamento em obediência aos parâmetros de uma metodologia científica, embasada por uma sólida ativida-



de de pesquisa e servindo-se de outras ciências que lhe dão suporte. Entre essas, destaca-se a História, que mostra a evolução da sociedade humana desde a antiguidade, bem como a farta contribuição de grandes pensadores ao longo do tempo.

A Democracia se insere nesse quadro, como um dos temas mais relevantes, por ser uma das formas de exercício do poder político, e como todas as demais, sujeita a debates, polêmicas, teorias, nem sempre concordantes, e conflitos, que serão, freqüentemente, inseparáveis dos embates políticos.

Conceituá-la com precisão não é tarefa simples, haja vista a diversidade de concepções observadas, mesmo na atualidade, quando vemos Estados autodenominados de “*Repúblicas Democráticas*”, cujas organizações sociais, políticas e econômicas estão longe de coincidirem com o que consideramos nós um regime democrático. Talvez por isso mesmo, consagrem-se conceitos como o de Lincoln – “*Governo do povo, pelo povo e para o povo*” – belo amontoado de palavras que pouco contribuem para elucidar a questão.

É, pois, encarando a Democracia como uma das formas de governo, que se pode fazer uma abordagem introdutória ao seu estudo.

AS FORMAS DE GOVERNO

Existem variadas maneiras de classificar as formas de governo, conforme os critérios utilizados. Dentre eles, os mais difundidos dizem respeito à quantidade de pessoas que exercem ou têm a possibilidade de exercer o governo numa sociedade política, ao prazo do seu exercício e ao modo de sucessão.

Já na Antiguidade Clássica, Aristóteles (394-322 a. C. – “*A Política*”), discípulo de Platão (428-347 a. C. – “*A República*”), serviu-se do primeiro desses critérios, associando-o a um critério moral, para estabelecer a primeira classificação conhecida. Para o notável filósofo grego, existiam as “*formas puras*” e as “*formas impuras*”, conforme as boas intenções dos governantes no sentido do bem público, ou as más intenções, no sentido de atender a interesses pessoais ou de grupos. Como formas puras, pelo critério numérico, estabeleceu a Monarquia – governo de um – a Aristocracia – governo de muitos – e a Democracia – governo de todos. Cada uma delas poderia degenerar para a forma impura correspondente, gerando-se a Tirania, a Oligarquia ou a Demagogia – entendendo-se esta como o acesso violento ao poder pelas massas sublevadas, segundo a linguagem da época.

É importante ressaltar que essas, como a maioria das outras idéias de Aristóteles, têm notável atualidade, resistindo à ação do tempo e influenciando inúmeros outros pensadores.

Mais tarde, Cícero, em Roma (104-44 a. C. – “*Da República*”), defendia o ponto de vista de que, para o Estado Romano, o ideal seria uma combinação das três formas puras aristotélicas, com o governo dividido entre um monarca, as elites e o povo.

Séculos depois, Maquiavel (1469-1527 a. C. – “*O Príncipe*”), ainda usando o critério quantitativo e, visivelmente influenciado por Aristóteles, estabeleceu a sua classificação: Principado e República, esta última podendo se apresentar como Aristocracia ou Democracia. Tal classificação, apenas com uma pequena mudança de nomenclatura, ainda hoje é a mais difundida, atendendo-se aos três critérios mencionados inicialmente. Assim, temos: a Monarquia, em que o poder é exercido por uma pessoa em caráter vitalício, e a sucessão se dá de acordo com as regras dinásticas, normalmente dentro de uma mesma família; e a República, em que o acesso ao governo é de muitos ou de todos – conforme seja Aristocracia ou Democracia – em ambas as formas, por tempo limitado por lei, e a alternância se dá mediante a escolha dos cidadãos.

Pode parecer estranha a classificação “*Aristocracia*”, já que se desconhece qualquer país que se denomine como tal na atualidade. No entanto, curiosamente, vamos encontrar na Grã-Bretanha aquela combinação desejada por Cícero, para Roma. Com efeito, lá existe a Monarquia (a Rainha, vitalícia, exercendo a função de Chefe do Estado, e a sucessão é familiar), a Aristocracia (a Câmara dos Lordes, cujos membros são designados entre aqueles possuidores de títulos nobiliárquicos, e pode haver a sucessão por herança) e a Democracia (a Câmara dos Comuns, composta por membros eleitos pelo povo para mandatos com duração fixa, de onde sai um gabinete liderado por um Primeiro-Ministro que é o Chefe do Governo e que o exerce efetivamente).

Fica, pois, caracterizada a Democracia como uma das formas de governo, cuja origem remonta a muitos séculos. Importa notar, ainda, que os gregos praticavam a chamada “*Democracia Direta*”, pois as medidas de interesse comum nas Cidades-Estados eram tomadas com o povo

reunido em praça pública – o *Ágora* – e decidindo por votação. Tal prática, obviamente, não seria mais possível com o aumento das populações e da complexidade das decisões a tomar. Hoje, só é usada como tradição em alguns cantões da Suíça. Deu lugar à Democracia Indireta ou Representativa, em que o povo exerce o poder por meio de representantes eleitos. Modernamente, há países que adotam a Democracia Semi-Direta, segundo a qual, além da ação dos representantes da sociedade, pode ocorrer, em determinados casos, a interferência direta dos cidadãos, usando-se mecanismos constitucionais como o Referendo, o Plebiscito e a Iniciativa Popular. Nos Estados Unidos, algumas unidades da Federação praticam ainda o *“Recall”*, processo que permite ao povo determinar a destituição de governantes ou de outras autoridades no âmbito do Estado. Foi por meio de um *“Recall”*, por exemplo, que recentemente foi destituído o governador da Califórnia, elegendo-se para substituí-lo o conhecido ator de cinema Arnold Schwarzenegger.

No Brasil, a Democracia é Semi-Direta, opção dos Constituintes de 1988, conforme se depreende do parágrafo único, do Artigo 1º, da Constituição em vigor: *“Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos, ou diretamente nos termos desta constituição”*.

Cabe esclarecer aqui que *“...nos termos desta constituição”* significa a adoção de acordo com artigos posteriores, do Referendo, do Plebiscito e da Iniciativa Popular.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

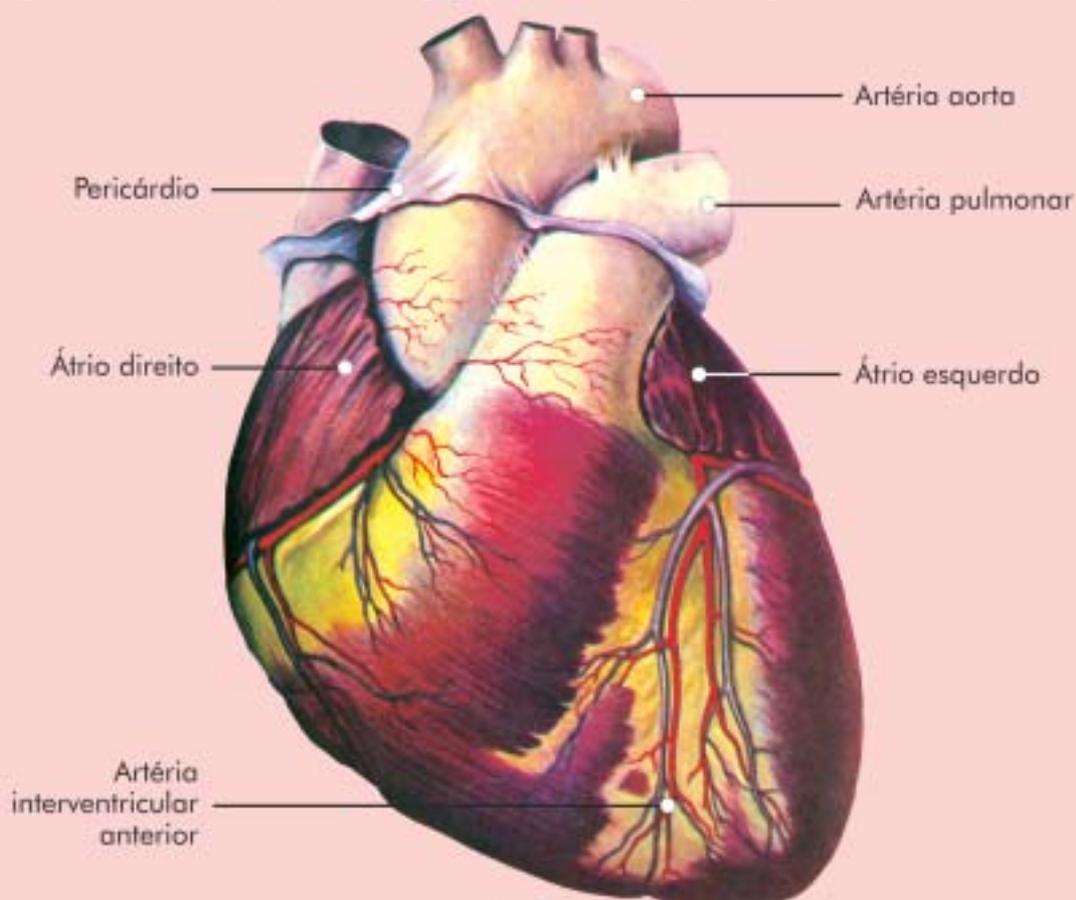
A evolução histórica da implantação da Democracia no mundo, ainda em andamento nos dias

que correm, tem sido um processo lento iniciado com os gregos, cujas formas de governo nas Cidades-Estados plantaram a semente, constituindo um simbolismo e um legado do princípio fundamental que rege a dinâmica democrática dos Estados.

Esta evolução está vinculada aos perenes anseios do ser humano por liberdade, justiça e igualdade. Desde as sociedades mais primitivas, até aos movimentos nem sempre pacíficos que eclodiram na Europa, no século XIX, quando a Democracia tomou o rumo das idéias pregadas pelos clássicos do pensamento político, muitas lutas, muitos embates, muitas rebeliões e muitos mártires têm balizado a história do homem que vive em sociedade e reage contra qualquer tipo de jugo que não esteja, rigorosamente, dentro da lei, de cuja confecção ele quer ser partícipe. ■



Risco de Doença Cardiovascular



1. Epidemiologia

Há várias décadas tem sido reconhecido o impacto epidemiológico da doença cardiovascular. Aproximadamente 17.000.000 (dezesete milhões) de pessoas morrem anualmente, vitimadas por doenças vasculares (principalmente cardio e cerebrovasculares), sendo esta incidência maior nos países desenvolvidos da América, da Europa e da Ásia, aumentando também, a cada ano, nos países em desenvolvimento, onde se espera uma epidemia nos próximos anos. Sendo assim, é importante a devida atenção e atuação das autoridades de Saúde, tanto internacionais como nacionais.

2. Conceituação

Na incidência de doença cardiovascular acima referida, a principal entidade patológica em ação é a

“*aterosclerose*”. Trata-se do acometimento da parede das artérias por um processo inflamatório, não infeccioso, que começa de dentro para fora (começa na camada mais interna da parede das artérias, que é chamada de íntima ou endotelial. As outras duas camadas de dentro para fora são: a média ou muscular e a adventícia). Nesse processo encontra-se a participação de depósitos de gorduras do sangue circulante, destacando-se aí o LDL colesterol (colesterol mau). Adiciona-se a isso: a ação de células inflamatórias, a proliferação de células da própria parede do vaso, o espessamento da parede arterial e a formação de fibrose (endurecimento) desta parede. Como consequência dessa evolução temos a diminuição da luz do vaso sanguíneo, com redução do aporte de sangue aos tecidos e órgãos. O final desse processo costuma

Maj.-Brig.-Méd. R1 Dr. Ricardo Luiz de G. Germano

ser a formação de um coágulo naquele local, obstruindo totalmente a circulação daquela área, levando ao que se chama de infarto do tecido ou órgão.

Todas as artérias e arteríolas do aparelho circulatório podem ser acometidas, porém estatisticamente encontramos algumas que são mais acometidas; os órgãos servidos por elas são chamados de órgãos alvos. Dentre esses órgãos alvos temos: coração, encéfalo, rins e retina. Destacam-se ainda neste acometimento, a aorta (via arterial principal) e as artérias dos membros inferiores.

3. Fatores de risco (Fatores predisponentes)

Existem fatores bem definidos que atuam aumentando o risco de desenvolvimento da aterosclerose. Dentre eles podemos citar: **sexo** (mais comum no masculino do que no feminino), **idade** (mais comum acima de 40 anos), **componente familiar predisponente**, **diabetes mellitus**, **obesidade**, **sedentarismo**, **insuficiência renal crônica**, **hipertensão arterial sistêmica**, **dislipidemia**, **tabagismo**.

Dentre esses fatores de risco, temos aqueles que não podem ser modificados (sexo, idade, predisposição familiar) e os que são passíveis de modificação (todos os demais). É considerando esses fatores de risco modificáveis que temos de montar nossa estratégia preventiva.

4. Prevenção (Diminuição do risco)

As medidas preventivas contra a aterosclerose, como descrito acima, são montadas nos fatores de risco modificáveis e são classificadas como prevenção primária ou secundária, dependendo se o paciente já apresentou algum sinal de isquemia (diminuição de fluxo sanguíneo) de algum órgão alvo. Se não apresentou, é primária, mas se já apresentou, será secundária. Dentre essas medidas preventivas temos:

• Modificações no estilo de vida

a) Obesidade: Se houver, a mesma terá de ser combatida e a meta é atingirmos um Índice de Massa Corporal (IMC) na faixa de 19 a 25kg/m². (calcula-se o IMC dividindo-se o peso em kg pelo quadrado da altura em metros);

b) Tabagismo (fumo): O fumo terá que ser suspenso, tendo em vista que atua facilitando a aterosclerose, além de aumentar a pressão arterial. Por outro lado, o fumo predispõe à formação de coágulos nas artérias e arteríolas já lesadas;

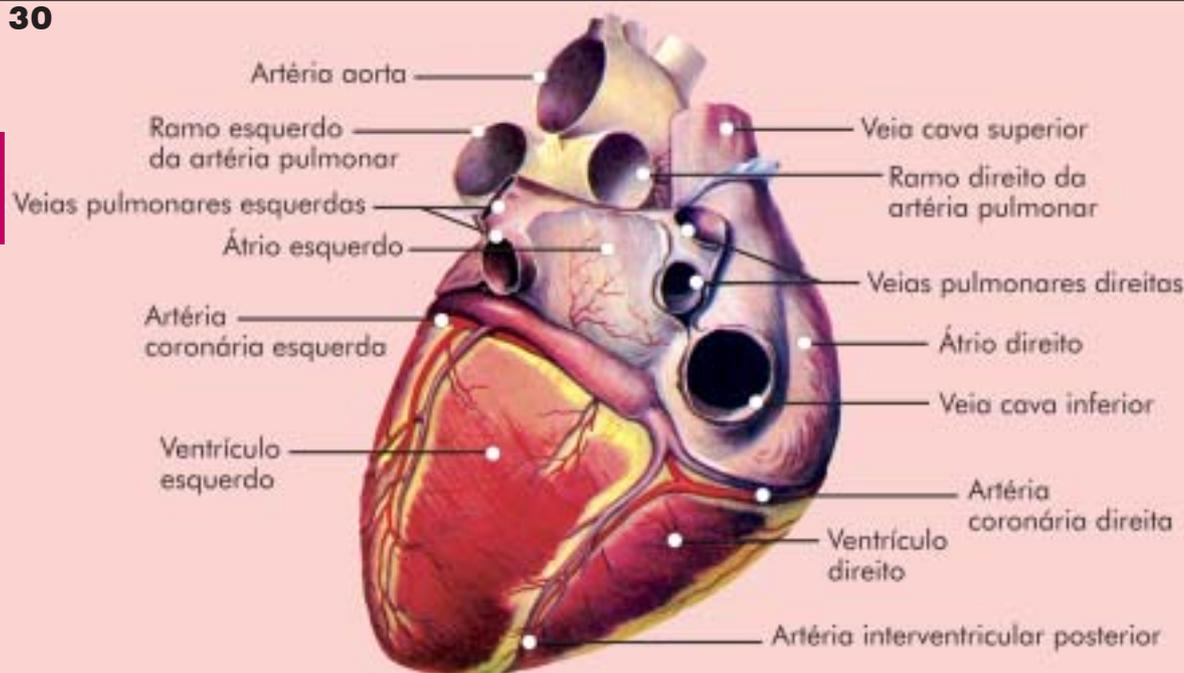
c) Atividade física: A atividade física aeróbica regular é bastante benéfica na diminuição do risco de doença cardiovascular. Apresenta as seguintes vantagens: melhora do condicionamento cárdio-respiratório, aumento da tolerância à glicose, facilitação da perda de peso, aumento do HDL colesterol (colesterol bom) e aumento da circulação colateral. Antes de iniciar o programa de atividade física é aconselhável a realização de uma avaliação médica;

d) Bebida alcoólica: A bebida alcoólica, usada de modo moderado, tem vantagens na prevenção de doença aterosclerótica. A quantidade máxima por dia deve ser: 500ml de cerveja, 300ml de vinho e 90ml de uísque. Esse tipo de bebida (principalmente vinho tinto) apresenta os seguintes efeitos benéficos, nestas quantidades descritas: aumento de HDL colesterol (colesterol bom), inibição da agregação plaquetária (fenômeno envolvido na formação do coágulo) e ativação do sistema fibrinolítico (sistema desintegrador de coágulos);

e) Dieta: Havendo diabetes e/ou obesidade, os hidratos de carbono (doces, massas, batata, arroz, feijão etc.) deverão ser diminuídos e o açúcar de mesa substituído por adoçante. Já no caso de hipercolesterolemia deverão ser evitados: gordura animal, carne vermelha, miúdos, manteiga, queijo amarelo e leite integral. Se houver hipertensão arterial, a alimentação deve ser preparada com pouco sal e o saleiro retirado da mesa.

• **Diabetes mellitus:** Essa patologia é altamente predisponente para aterosclerose. O tratamento do diabetes baseado na tríade: dieta, exercício físico e medicamento (antidiabético oral e/ou insulina); sob supervisão médica, sendo bem sucedido deverá diminuir o risco de aterosclerose. Aqueles que apesar das medidas acima continuarem instáveis são candidatos ao uso de antiagregadores plaquetários e bloqueadores do sistema renina-angiotensina.

• **Insuficiência renal crônica:** O paciente com insuficiência renal crônica também é portador de



um alto risco de doença cardiovascular. Deverá ser acompanhado por um nefrologista e terá seu risco diminuído quando são adicionados ao arsenal terapêutico básico os antiagregadores plaquetários e os bloqueadores do sistema renina-angiotensina.

- **Hipertensão arterial sistêmica:** Consideramos portador de hipertensão arterial sistêmica, o indivíduo que tem níveis de pressão arterial $\geq 140 \times 90$ mmHg (\geq igual ou maior), (mmHg – milímetro de mercúrio). O tratamento desta patologia, acompanhado por médico, diminuirá o risco de aterosclerose se a pressão arterial cair abaixo daqueles valores. Deve ser enfatizado que se o hipertenso for portador de diabetes mellitus ou insuficiência renal crônica a meta a ser perseguida é $< 130 \times 80$ mmHg (menor que 130×80 milímetros de mercúrio).

- **Dislipidemia:** Esse termo é usado para as alterações nos níveis dos lipídios (gorduras) no sangue. Dentre estas, sobressai a hipercolesterolemia como fator de aumento de risco de aterosclerose. Mais importante que o valor do colesterol total que deve ser < 200 mg% ($<$ menor que), são os valores do LDL colesterol (colesterol mau) e do HDL colesterol (colesterol bom), que devem ser, respectivamente, < 130 mg% e > 45 mg% ($>$ maior que). Os pacientes que já tiveram um órgão alvo acometido com episódio isquêmico por aterosclerose; que tenham vários fatores de risco, que sejam diabéticos instáveis ou renais crônicos, terão como meta um valor de LDL colesterol < 100 mg%. Na perseguição destes objetivos temos: a dieta como descrita no item e (que em geral não tem

sucesso sozinha); os medicamentos, com destaque para as estatinas (atuando no LDL e no HDL) e a atividade física (atuando no HDL). Ultimamente tem sido descrito um papel protetor das estatinas, independente de seu efeito sobre LDL e HDL.

- **Antiagregadores plaquetários:** Os antiagregadores plaquetários são medicamentos que inibem a agregação das plaquetas (mecanismo importante na cascata da coagulação). Estes medicamentos diminuirão o risco de formação de um coágulo numa artéria lesada pela aterosclerose (costuma ser o mecanismo final que leva ao acidente isquêmico). Os dois principais medicamentos deste grupo são aspirina e ticlopidina. O antiagregador deverá ser usado nos diabéticos instáveis, nos renais crônicos e ainda em todos aqueles que já apresentaram um episódio isquêmico por aterosclerose.

- **Bloqueadores do sistema renina-angiotensina:** Esses medicamentos, além de seu efeito hipotensor, atuam também diminuindo a atividade inflamatória, a proliferação de células e a formação de fibrose (cicatriz). Por isso esses fármacos são considerados úteis para baixar o risco de aterosclerose. Têm indicação nos renais crônicos, nos diabéticos instáveis e naqueles com acometimento cardíaco, independente da presença de hipertensão arterial.

Finalizando, é importante o leitor notar que essas informações aumentam seu conhecimento sobre a prevenção da aterosclerose, porém não o autoriza a se automedicar, necessitando portanto a responsabilidade de um médico sobre o processo. ■

Silêncio e Flores

Ernesto Caruso
Coronel do Exército R1

A natureza humana encontrou um meio de homenageá-los e de se comunicar com os mortos, entendendo, reagindo e superando a incapacidade do seu intelecto em penetrar nas outras formas de existência, além das que conhece por meio dos contatos.

As palavras que traduzem os pensamentos excitam os sentidos e geram emoções. Das lágrimas que rolam nas faces dos parentes, às expressões contraídas dos amigos, admiradores, agradecidos, todos se correspondem e se unem no gesto de solidariedade, confortando-se uns aos outros pela dor da ausência dos que deixaram o convívio do grupo. Dor maior ou menor pelo grau de brutalidade, agressividade, traição, covardia, fonte daquele afastamento que acaba por gerar um simbolismo em defesa do respeito ao próximo e à prevalência do relacionamento e da vontade democrática, a reger o grupo.

Mas a voz das almas é o silêncio que o ser humano impôs a si, de modo que as palavras não distorcessem a mensagem pura a percorrer trilhas sonoras inaudíveis aos vivos e, assim, chegassem aos seus destinos infinitos. O silêncio do solitário nos templos a se ligar aos níveis superiores, fazendo crer na voz das almas, ou o silêncio coordenado e disciplinadamente cumprido no “minuto de silêncio”, tanto no início das disputas nos campos de várzea, com os pés descalços da pobreza, como nos ricos estádios dos milhões. Em confronto nos bastidores e nos gramados, tem o mesmo significado: suprir a necessidade da comunicação dos vivos com os da eternidade.

O soldado também tem o seu “minuto de silêncio” presente nas Honras Fúnebres, por força da atividade, dos riscos constantes, do juramento de defender a Pátria com a vida, reforçando a reverência com a mensagem da alma. O Toque de Silêncio, nas sonoras clarinadas, faz com que os presentes se concentrem, se emocionem e orem.

As flores são a voz do coração. Engalanam e se incorporam à voz da alma. Dão o colorido aos que estão iluminados e são o foco da comemoração, do reconhecimento e da perpetuidade dos seus nomes. Heróis, mártires e devotados defensores da Pátria.

O dia 27 de novembro de 1935 não é uma data que se possa apagar das mentes dos brasileiros, pois seria a negação dos mártires fardados, sacrificados, mortos, traiçoeira e covardemente, por falsos colegas, a mando de Prestes, com a co-participação de estrangeiros, a serviço da comunista União Soviética.

Não há como não cumprir, respeitando as tradições e as normas regulamentares, um evento de tal magnitude, para preservar a chama acesa de advertência aos que ainda insistem em ameaçar a liberdade dos brasileiros, amargamente conquistada, como o foi, na infausta Intentona Comunista de 35 e em outras intencionas, cuja prática, nas tentativas de conquista e manutenção do Poder, tem-se dado com o uso do terrorismo, da guerrilha e do fuzilamento à moda fidelista. Não foi diferente no Brasil e nem no mundo, onde tentou e perdeu, tentou e venceu. Matou e matou.

Aqui, sempre perdeu, graças às Forças Armadas, orgulhosamente irmanadas com a vontade da Nação Brasileira.

Nossa gente não faz uma comemoração que não condiga com a altivez, a honra e o respeito que devem existir entre superiores, pares, subordinados, reverenciados e quem homenageia.

Não se faz meia homenagem, como não se presta meia continência.

Impostores e Cleptom

Mania, palavra derivada do latim, significa loucura, desequilíbrio. No sentido mais amplo, faz parte do transtornos bipolar, o oposto da depressão. Idéias incoercíveis de riqueza, força e poder, impulsos fortemente exaltados com aceleração dos processos psíquicos. Pessoas com tendências às manias apresentam incapacidade de resistir aos impulsos ou tentação de executar um ato perigoso para si ou para a sociedade. São impulsos irresistíveis. Após o ato praticado, sentem-se gratificados com grande alívio.

Entre as monomanias instintivas as mais frequen-

tes são o roubo, incêndio, arrancar os cabelos e jogos de azar. A dipsomania (alcoólica), a toxicomania e a bulimia têm certamente comorbidade próximas. E os vícios sexuais também (onanismo, fetichismo, pedofilia, voyeurismo e escatologia telefônica). A infomania tem levado muitas mulheres à promiscuidade com o excesso de apetite sexual ou furor uterino. As manias refletem um hábito prejudicial, dependência, maus costumes, gestos exagerados, desejos imoderados e extravagância. Grandes manias como grandeza e de perseguição revelam desequilíbrio mental.

A cleptomania é um impulso recorrente para furtar objetos desnecessários para o uso pessoal e ganho financeiro. O produto do roubo pode ser ofertado para terceiros, ser escondido ou devolvido. É um furto compulsivo, sem a preocupação de valor monetário e envolvimento legais. O ato de roubar corresponde a um transtorno primário. O ladrão de lojas pode fingir ser cleptomaniaco, porém torna-se evidente o interesse material. O furto esquizofrênico obedece uma alucinação de comando. O ato de furtar do cleptomaniaco não invalida o estilo de vida, nem consideravelmente o caráter. E os que roubam do país bens e recursos públicos? Como deveriam ser cognominados? Apenas corruptos? Cleptomaniacos, não. Esse assunto é com a Polícia. E as outras manias? A mitomania com fabulações e simulações que ocorrem na infância decorrentes da exaltação das faculdades imaginativas e do pensamento mágico de criança com o objetivo de distinguir a realidade da fábula. No adulto, a mentira social com a falsificação dos acontecimentos sociais. Dupré relata a mentira genial criando casos inverídicos de violações, assédios, corrupção e atentado ao pudor. E a mitomania política? Fica para depois, mas a quem interessa possa é só ouvir mitômanos da equipe econômica que inventam postulados e conceitos inacreditáveis para manterem os juros mais elevados do mundo. Juros elevados para controle da inflação? Segundo renomados economistas

*Guy Van Bossche,
óleo sobre papel,
30 x 21,5 cm,
2000*



Josué de Castro –
Médico e Professor

aníacos

internacionais, mentira. E a terminologia nefasta que não deve ser considerada um neologismo, pois ingressa no nosso vernáculo com outro sentido: “SUPERAVIT PRIMÁRIO” a rigor significa desvio primário, subtraindo proventos de aposentados, professores, militares, funcionários públicos, de obras sociais primordiais como saúde e educação e finalmente do exaurido povo brasileiro. Para pagar dívidas externas e interna desconhecidas pela imensa maioria da população. Mitômanos são aqueles que têm compulsão para mentir. Na esfera moral, em quase todas as épocas, têm surgido impostores simulando crenças religiosas e outras envolvendo a ingenuidade e a ignorância popular. Na maioria dos criminosos, se encontra grande habilidade em mentir. Indivíduos cujas aventuras imaginárias e a falsificação da realidade podem ser natas.

Nos casos de “moral insanity”, problemas relativos à mentira e à simulação ocorrem no desenvolvimento evolutivo da criança condicionado a fatores psicossociais e genéticos. São rotulados como transtornos de conduta. As motivações sociais mais comuns para a mentira são evitar culpa e responsabilidades legais, obter benefícios da Previdência, posse de droga, negócios corrupção e atividades ilícitas. Pesquisas sobre mentiras e simulações revelam mais êxito entre os mentirosos que têm a arte de representar, os mais inteligentes, engenhosos e histriônicos fortemente emotivos. Entre estes existem frases consagradas: “Eu lhe mentiria?” Para ser bem franco”. O contato visual e a expressão facial são importantes indicadores da mentira. Isso não corresponde sempre, pois aprendem muito cedo fingir e esconder emoções. Mentira ou visão esquizofrênica da realidade? Durante séculos, têm sido usadas medidas psicofisiológicas para diferenciar o falso do honesto. Entre beduínos e chineses a técnica era a medição da saliva. O método mais contemporâneo para medir a realidade psicofisiológica do mentiroso sob estresse é o polígrafo com confiabilidade em torno de 80 a 90%. O



Guy Van Bossche,
óleo sobre papel,
30 x 21,5 cm, 2000

uso do polígrafo não é aconselhável nas avaliações forenses. Na avaliação da mentira, pessoas ansiosas, porém honestas, podem apresentar resultados falso-positivos. Sociopatas experientes enganam o detetor com ingestão de benzodiazepínicos, mantendo sempre o corpo rígido, praticando meditação profunda cantando, chorando, sorrindo ou gritando. A arte maléfica de representar no teatro da vida.

Aproximadamente 15% das pessoas conseguem manter certas mentiras invioláveis, mesmo após a hipnose ou o soro da verdade (amital sódico), cuja prática teve iniciação com os nazistas evoluindo entre polícias secretas de grande países. Os mentirosos ou impostores bem-sucedidos podem se manter inflexíveis após investigações e comissões de inquirição. Eles estão por aí. Vamos mencioná-los? Falsos cidadãos, falsos brasileiros, falsos profissionais, falsos amigos e falsos parentes abraçados com a arte mítica desenhada através de um mundo irreal e traiçoeiro. Muito cuidado com eles. ■

Blumenau

Ten.-Brig.-do-Ar
Sergio Pedro Bambinil



1983

Comandava o Grupo de Serviços de Base (GSB) da Base Aérea de Santa Maria, quando, no entardecer do dia 7 de julho de 1983, recebi uma solicitação do Comandante do 5º/8º GAv (Esquadrão Pantera), Maj.-Av Adenir Siqueira Viana, para coordenar uma missão, inicialmente com dois helicópteros UH-1H, em Blumenau (Santa Catarina), e prestar socorro às vítimas da enchente no Vale do Rio Itajaí. O pedido justificava-se por eu ter participado, quando era do efetivo do 5º EMRA, como Oficial de Operações e Comandante, de diversas operações de apoio a calamidades públicas e por conhecer os diversos envolvimento sociais e políticos que caracterizam tais missões.

Ao pôr-do-sol, voávamos para Canoas. Chegamos à noite. No meu helicóptero, além de mim, estavam o Ten. Krüger, o Sargento Egles e o Sargento Domingos. Meu ala era comandado pelo Ten. Roberto, e seu co-piloto era o Ten. Stangler, já falecido.

Decolamos cedo para Florianópolis, onde nos apresentamos ao Comandante da Base Aérea, Cel. Naranjo. Informamos a ele nossa missão e sugerimos a criação de um centro de controle operacional, pois estimávamos a chegada de diversos helicópteros para operar na região.

Saimos de Florianópolis para Blumenau, penetrando no mau tempo. O trecho Navegantes-Blumenau foi realizado, literalmente, navegando sobre as águas do

Rio Itajaí. As nuvens estavam baixíssimas e a chuva muito forte. A visibilidade, quase nenhuma. Voando com velocidade reduzida, as margens do rio ficavam, às vezes, acima do nível de voo.

Após seguir rio acima, obedecendo todas as curvas, finalmente chegamos a Blumenau. Conseguimos pousar no pátio da Prefeitura Municipal, ainda não inundado. Após conversar com o Prefeito e informar a ele quais as nossas ordens, voamos para o Quartel do 23º BIMtz, comandado pelo Cel. Barreto. Com ele, fizemos o planejamento da operação, dividindo as tarefas e pretendendo utilizar, intensamente, a rede de radioamadores que já estava de prontidão.

Na manhã do dia nove, antes de iniciar as missões de socorro, fiz com meu helicóptero, um vôo de reconhecimento em dois hospitais, o que, certamente, seria de grande utilidade. No primeiro, a operação era, praticamente, impossível, pois o andar térreo já estava inundado e o segundo piso, que dava para um pátio que, ainda, estava seco, porém, possuía árvores frondosas que impediam a aproximação de um helicóptero do porte do UH-1H. O outro hospital situava-se em área não alagada. Era possível a aproximação entre palmeiras muito altas. O pouso seria difícil e a decolagem exigia mais potência do que a disponível. Decidimos, então, que os doentes seriam levados para Itajaí, Joinville ou Florianópolis.

As missões típicas eram: transportar doentes, retirar



famílias ilhadas, levar alimentos e agasalhos, que chegavam às toneladas ao quartel, e distribuí-los, conforme coordenação do pessoal do Cel. Barreto e segundo a indicação dos radioamadores.

Na madrugada do dia 10 de julho, fui acionado para socorrer uma senhora, em trabalho de parto, que se encontrava ilhada. Decolamos assim que a luz do dia permitiu. Navegando entre os prédios da cidade, posto que o teto continuava baixo e a chuva intensa, conseguimos localizar o ponto e pousar. Constatamos que o caso era gravíssimo. A criança já estava nascendo, e o parto estava interrompido devido à posição anormal do bebê. Como não dispúnhamos de maca, colocamos a senhora deitada no piso do helicóptero, sobre roupas de cama. A cabeça estava atrás da cadeira do co-piloto. De minha posição, na cadeira do 1P, via sua expressão de dor e desespero. Dizia para ela que tudo daria certo, mas que deveríamos rezar. Ela apertava fortemente minha mão. Tive a certeza de que não poderíamos ir até Itajaí. Nem a mãe nem a criança agüentariam. Decidi levá-la para o primeiro hospital que reconhecêramos. Talvez quebrássemos o helicóptero, porém, com sorte, salvaríamos duas vidas. A aproximação foi difícil e de risco. O valente rotor principal do UH-1H cortava galhos, que batiam com força na fuselagem, abrindo um caminho seguro para o helicóptero. Pousamos. Enfermeiros levaram a senhora e não mais soube dela ou da criança.

As missões sucederam-se com intensidade crescente. Naquele dia, voamos nove horas e trinta minutos, com um total de setenta e oito aterragens numa jornada de mais de quatorze horas. Uma longa e profícua jornada.

Os dias seguintes foram, também, de intensa atividade. Carregamos toneladas e toneladas de alimentos que foram distribuídos com a ajuda de voluntários, com a imprescindível colaboração dos militares do 23º BIMtz e com o apoio da rede de radioamadores, dentre os quais se destacava a Senhora Alda Niemeyer, incansável no auxílio de seus conterrâneos. Uma verdadeira guerreira.

Permaneci em Blumenau até cessar a chuva e constatar que as águas começavam a baixar.

Minha última missão foi com o céu claro. Levávamos soro antiofídico para um local cuja referência era um hotel chamado Cavalinho Branco. Com visibilidade total e o sol brilhando intensamente, esquecemos, todos da tripulação, os cuidados com os quais vencê-

ramos inúmeros e perigosos obstáculos. Esquecemos, principalmente, da existência de uma linha de alta tensão sobre o Rio Itajaí. Os fios eram altos, pois uma torre ficava sobre um morro e a seguinte ficava do outro lado do rio. Toda a tripulação olhava para baixo, procurando o ponto de referência, quando percebi, por meio da visão lateral, o brilho do sol em objeto metálico no nível do voo. Imediatamente lembrei-me da linha de alta tensão e “cabrei” o helicóptero, usando o cíclico e o coletivo. Chegamos a tocar o fio mais alto com a parte inferior dos esquis. Não deu nem para sentir medo. Nascemos novamente.

Meu primeiro pensamento, naquele instante, foi exatamente o seguinte: “*Meu Deus, se fizemos algum bem por essa gente, estamos quites. Obrigado!*”

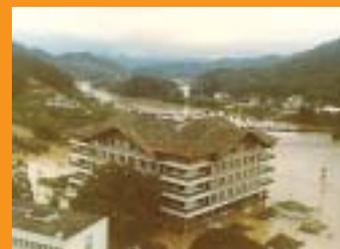
Muitas coisas bonitas aconteceram nessa operação, que acabou envolvendo dezoito helicópteros da FAB, seis da Marinha e treze de empresas privadas, além de cinco aeronaves C-95 Bandeirante, quatro C-115 Búfalo e seis C-130 Hércules. Foram voadas 1.497 horas. Tudo no atendimento dos flagelados das enchentes dos Rios Itajaí e Iguaçu. Um intenso trabalho de solidariedade humana, conhecido por poucos brasileiros.

O tempo passou.

No dia 14 de dezembro de 2004, fui agraciado com o título de Cidadão Blumenauense, por minha atuação nas enchentes de 1983. Entendi como uma homenagem do povo de Blumenau à Força Aérea Brasileira, consubstanciada no título a mim concedido como oficial mais antigo na operação e ainda no serviço ativo. Tal homenagem foi concretizada pelo empenho do Sr. Gilberto Ziebarth, de Blumenau, ex-soldado da Base Aérea de Florianópolis, grande amigo da Força Aérea e testemunha das operações da FAB, no Vale do Itajaí, em 1983.

Na cerimônia, em meio aos discursos característicos desses atos solenes, conheci e fui intensamente abraçado pelo jovem Levi Hulse, de vinte e um anos, por sua mãe e por seu pai.

Depois de vinte e um anos, soube que a senhora que deixei no hospital, no dia 10 de julho de 1983, após o pouso mais arrojado de minha carreira de aviador, havia sobrevivido e dado à luz um robusto e sadio menino. Após vinte e um anos chorei intensamente ■



Vista da cidade antes e depois da tempestade que sobre ela se abateu





Ten.-Brig.-do-Ar Ref.
Sergio Xavier Ferolla

Aquisição de M

Nas aquisições de produtos militares, os processos seletivos abertos, como as licitações, têm-se mostrado bastante inadequados, por trazerem a público alguns aspectos confidenciais das Forças: seus requisitos, características e quantidades dos armamentos, bem como informações sobre logística, capacitação industrial etc. Além desses aspectos de cunho operacional/militar, o debate público das negociações, envolvendo toda forma de interesses, provoca despesas e desgastes inconvenientes a todos os envolvidos, induzindo uma avaliação técnica e comercial emotiva, quando a boa regra impõe longas jornadas de negociação entre as partes, compromissos Governo/Governo, acordos de manutenção de sigilo e capacitação de recursos humanos, dentre muitos outros quesitos contratuais. A acirrada disputa para o fornecimento dos Caças F-X para a Força Aérea Brasileira, sem resultados concretos, é um bom exemplo dos malefícios do referido processo.

Ao destacar a importância dos entendimentos entre os governos, buscamos enfatizar a necessidade de que seja assegurada a inexistência de óbices e limitações em política externa capazes de impedir e ou de dificultar a fiel execução das cláusulas contratuais acordadas. Esses parâmetros são de vital importância, uma vez que as empresas estrangeiras participantes das ofertas, por mais interesse e boas intenções que tentem demonstrar, estarão sempre na dependência das

liberações governamentais de seus países de origem, bem como de fornecedores externos, sujeitos às mesmas condicionantes. Os constantes bloqueios que o Brasil tem sofrido nos setores tecnológico e industrial, por parte de potências militares do Hemisfério Norte, impõem cautelas especiais nos Programas de Defesa, para que nossas Forças Armadas possam atuar de forma soberana, quando os interesses nacionais estiverem ameaçados.

Para tais aquisições, é preciso ter sempre em conta que, associada à necessidade das Forças Singulares manterem atualizados seus equipamentos, deve também o País buscar formas de, nas negociações, capacitar seu parque industrial e fixar contrapartidas, que resultarão em mais empregos, agregação de novas tecnologias aos processos produtivos locais, exportação de partes e peças decorrentes das cláusulas de compensação comercial etc.

Com uma visão estratégica de longo prazo, os países industrialmente desenvolvidos subsidiam seus Programas de Defesa, pois, além dos itens de interesse puramente militar, os componentes, materiais e equipamentos produzidos propiciam ao parque industrial o aproveitamento de um resíduo tecnológico, que dará como fruto produtos profissionais de elevada qualidade e a custos altamente competitivos, atendendo aos anseios da sociedade e aumentando o leque de opções para competir





ateriais de Defesa

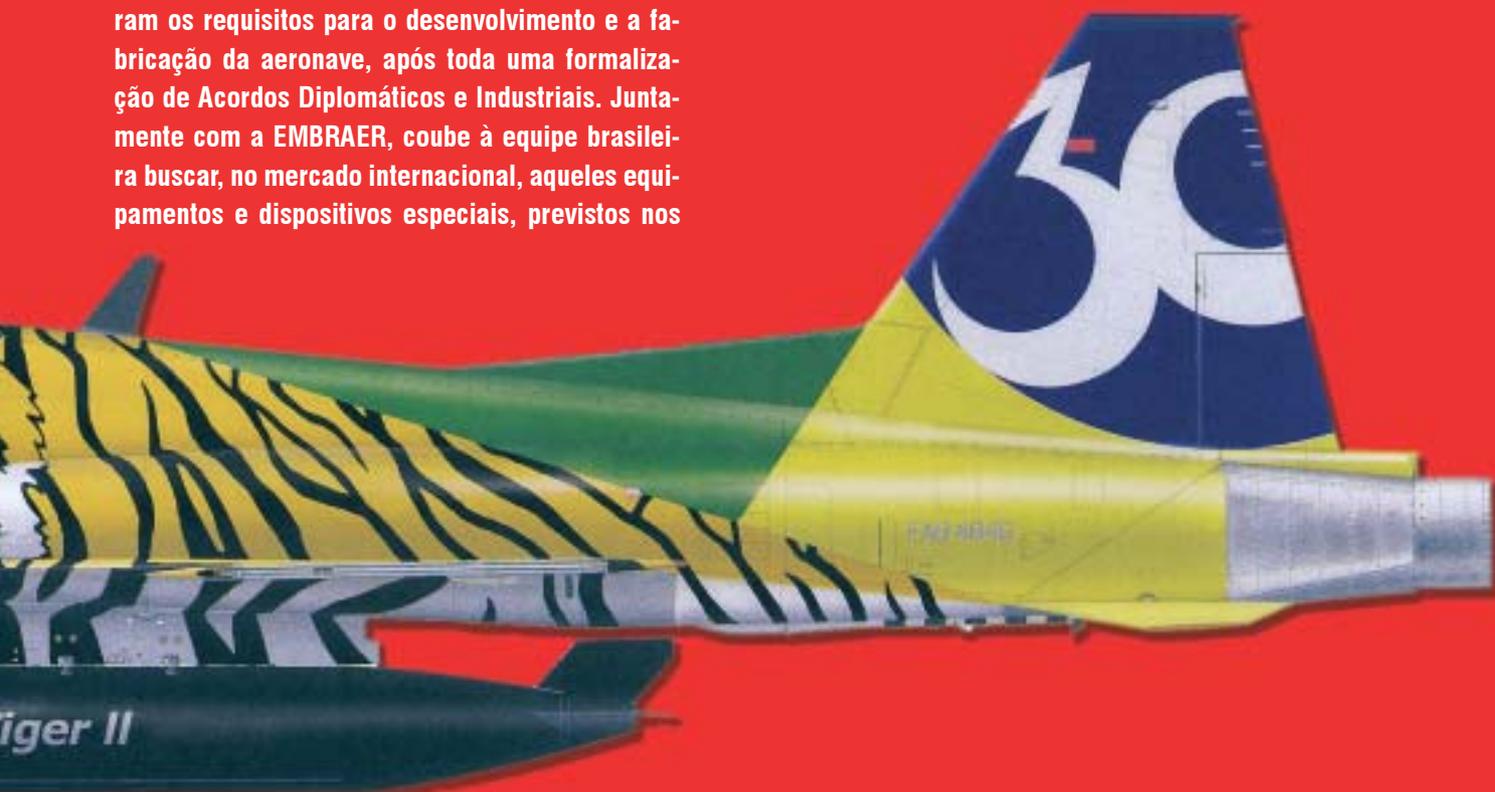
nos mercados doméstico e externo, com um agregado local de valor bastante acentuado.

No caso brasileiro, é essencial ter sempre em mente que, se a preocupação com os equipamentos e a qualificação profissional dos efetivos é condição essencial para o sucesso nas operações militares, a dependência de armamentos e de acessórios produzidos no exterior pode inviabilizar a ação continuada das Forças Armadas, em conflitos de prolongada duração. Por essa razão em especial, os Comandos Militares, em nosso País, sempre inseriram em seus planejamentos estratégicos a busca por uma relativa auto-suficiência nacional, tanto para a manutenção do material e dos armamentos, como para a fabricação de partes e peças de interesse das Forças.

Um exemplo pedagógico, que bem ilustra as ações e reações em projetos de vulto, no campo militar, é o Programa Conjunto acertado entre os governos do Brasil e da Itália para o desenvolvimento e a fabricação do caça-bombardeiro AMX. Em 1981, o então Ministério da Aeronáutica, juntamente com a Aeronáutica Militar Italiana, fixaram os requisitos para o desenvolvimento e a fabricação da aeronave, após toda uma formalização de Acordos Diplomáticos e Industriais. Juntamente com a EMBRAER, coube à equipe brasileira buscar, no mercado internacional, aqueles equipamentos e dispositivos especiais, previstos nos

requisitos estabelecidos, em conjunto, pelas duas Forças Aéreas, disponíveis para a Itália nos países produtores, mas, algumas vezes, negados ao Brasil. Grande também foi o esforço para ter acesso aos programas dos computadores (SW) empregados na aeronave, pois a concepção até então predominante na divisão dos trabalhos era conceder às nossas empresas unicamente a produção mecânica de partes e peças, com valor econômico significativo, mas com reduzido agregado estratégico e operacional, para uma moderna aeronave de combate.

Esse exemplo simples, em um programa de sucesso que viabilizou a modernização do parque industrial brasileiro, serve para a materialização dos conceitos já enfatizados, mostrando, de forma sucinta, o risco de serem empregados os escassos recursos do País para a aquisição de verdadeiras "caixas pretas", passíveis de limitação em operações militares e com aspectos ainda mais perniciosos para os interesses nacionais, se considerarmos os reduzidos benefícios em termos de absorção de tecnologia e geração de empregos.





Os materiais de emprego militar e, em especial, as aeronaves, são caracterizados pela exigência de conhecimentos tecnológicos avançados, de qualidade e de alta confiabilidade, tudo em pequenas séries, daí resultando seus elevados custos de produção. Assim, as indústrias que trabalham com material de Defesa operam de forma diversa daquelas que visam ao grande público, cujos objetivos são os grandes volumes de produção e os baixos custos. Como decorrência desses pequenos lotes, rotineiros quando se trata de aeronaves militares e característica das nossas aquisições, em geral, os reflexos negativos, no campo industrial, se destacam pela falta de economia de escala capaz de viabilizar a produção local de partes e peças, restando, para nossas empresas, quando muito, as tarefas de integração dos grandes conjuntos, bem como assegurar a logística e fornecer a necessária assistência técnica para as Organizações militares. Assim sendo, faz-se imprescindível uma negociação de boas cláusulas de Compensação Comercial (cláusulas de "off-set"), concedendo às empresas nacionais envolvidas nos Programas de Defesa, contratos de fabricação de partes e peças ou de dispositivos especiais, destinados aos países fornecedores das aeronaves, em quantidades tais que tornem economicamente vantajosas com a exportação, sua produção local e a conseqüente geração de divisas compensatórias.

No quesito tecnologias, frente à sofisticação das aeronaves de combate, aos seus elevados custos e à condicionante industrial das pequenas séries, ressalta a importância do domínio integral do SW embarcado (expressão técnica utilizada para definir as programações dos computadores de bordo), item essencial e crítico, para tornar realmente autônoma a capacidade operacional do Poder Aéreo e o desenvolvimento e o emprego dos armamentos que as situações de conflito venham a exigir.

Ocorrendo a situação ideal de as indústrias brasileiras já disporem de competência para a obtenção de componentes, bem como tecnologias, capazes de satisfazer os Requisitos Operacionais das Forças, a importação de similares deveria ser, radicalmente, proibida. Tal decisão deveria abranger toda classe de equipamentos: Navais, Terrestres e Aeronáuticos – armamentos, telecomunicações e Auxílios a Navegação, entre outros. Na pior das hipóteses, deveria caber à empresa brasileira a condição de Contratada Principal, como forma de maximizar os benefícios sociais, econômicos e industriais para o País, superando opiniões pessoais ou de grupos e, principalmente, os rotineiros contratos internacionais, em que as ofertas são acompanhadas de créditos externos, tornando quase compulsória a importação de produtos já disponíveis no mercado interno. Resulta daí a importância da alocação de créditos, não contingenciáveis para os Programas a serem executados com a participação e liderança das empresas nacionais.

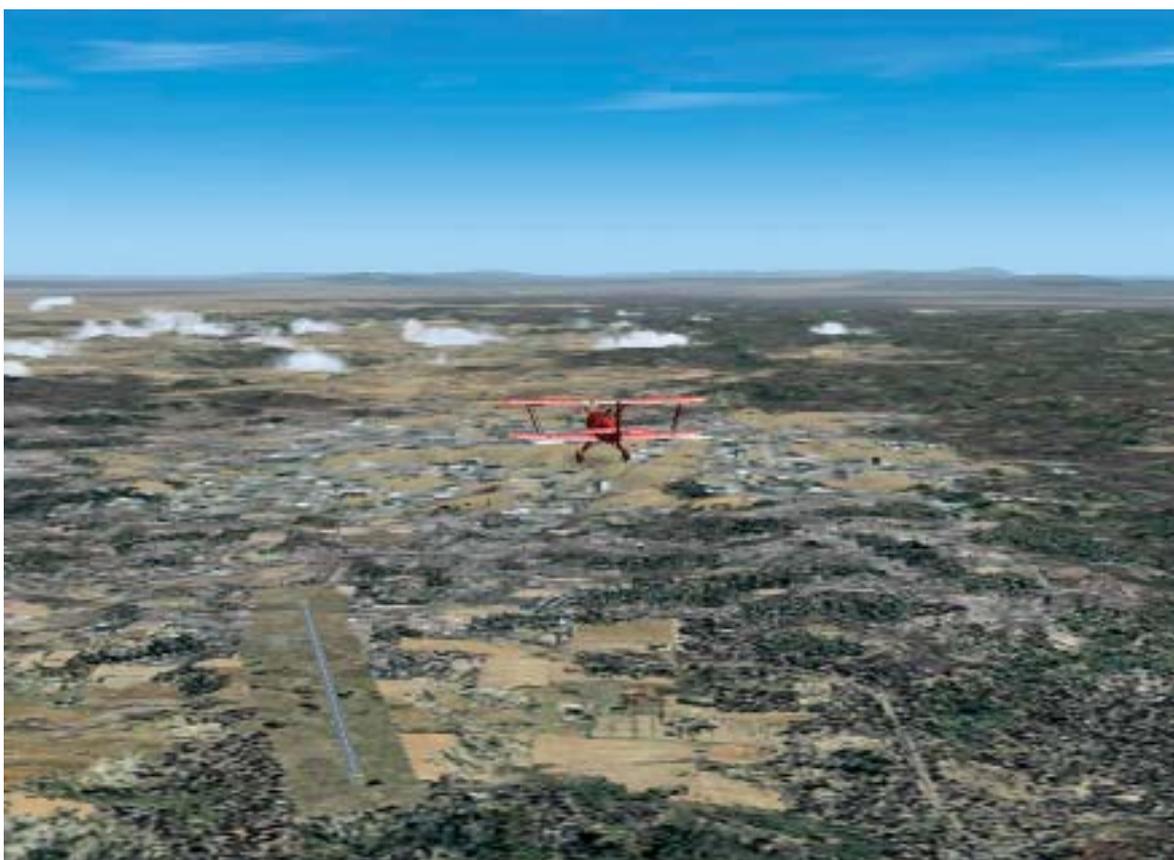
São esses alguns dos fundamentos conceituais que julgamos oportuno merecer a consideração e a análise dos companheiros de caserna, assim como dos organismos governamentais, no bojo de uma discussão do mais alto significado para nosso País, visando consolidar diretrizes consensuais, quando da aquisição dos imprescindíveis materiais de emprego militar. São visíveis e palpáveis os ensinamentos de muitos programas domésticos de sucesso, sendo um exemplo salutar para os líderes das Forças, a inflexível forma de atuação dos países industrialmente desenvolvidos, na busca dos seus objetivos de auto-suficiência e progresso. Assim agindo, consolidaremos uma capacitação militar moderna, eficiente e, em especial, lastreada em uma infra-estrutura tecnológica e industrial, capaz de viabilizar a atuação soberana do Poder Militar, em defesa dos interesses maiores da nacionalidade. ■



O Movimento de Março de 1965

Marcelo Hecksher
Cel. -Av. R1

Vista
aérea de
Barbacena



Começara o ano de 1965. Éramos veteranos e mais antigos na Escola.

A Turma de 63 havia seguido com a de 62 (esta agora no primeiro ano da Escola de Aeronáutica), para cursar o terceiro ano da Escola Preparatória, já no Campo dos Afonsos.

Além de veteranos, éramos os “*donos da escola*”.

A Turma de “*bichos*”, a de 1965, era composta por quatrocentos e tantos alunos. Era a maior Turma já matriculada na EPCAR. Eles haviam sido divididos em duas esquadrilhas: a segunda e a terceira. Nós

compúnhamos a Primeira Esquadrilha.

Em 31 de março de 1964, éramos “*bichos*”. Passamos aquela data sentados no pátio da bandeira sob os olhares vigilantes dos oficiais e monitores (sargentos). Pouca ou nenhuma informação nos foi prestada. O que era comentado é que o Comando da Escola estava em reunião, decidindo que partido tomar no movimento de 64.

Na realidade, nada mudou na nossa rotina de aluno. Pouca informação, nenhuma agitação ou discussão.

Já em 1965, o novo comandante do Corpo de Alunos, logo tachado por uma alcunha pouco adequada ao seu cargo, resolveu que as esquadrilhas, independente da antiguidade, desceriam para o rancho em revezamento, ou seja, haveria dias em que nós – os veteranos, desceríamos para o rancho após os “bichos”.

Naquela época, quem ousaria contestar essa ordem, apesar de absurda?

Eu gostava de estar sempre no primeiro grupo. Chegando na fila da bóia na frente, podia fazer uma “*pescaria*” dos pedaços de salsicha colocados sobre o arroz. Podia raspar o queijo ralado sobre o macarrão e outras pequenas “*vantagens de campo de concentração*”.

Como seria possível, depois de passarmos todo o ano de 1964 descendo para o rancho após os terceiro e segundo anos (nessa ordem nunca muda), passarmos a descer depois de uma ou duas esquadrilhas do primeiro ano, mesmo que alternadamente? Isso era quebra de hierarquia.



Antes da formatura para descer para o rancho - 1965

1 – Pátio do rancho
2 – Prédio dos alojamentos

Quebra de hierarquia durante um movimento que visou, principalmente, segundo diziam, restaurar a hierarquia nas Forças Armadas.

Almoço do primeiro dia de revezamento. A formatura para o rancho se realizava no pátio entre o prédio das salas de aula e o dos alojamentos, que eram dispostos paralelamente um ao outro. O rancho era localizado no térreo do prédio dos alojamentos, o qual, em função da topografia, ficava um andar abaixo do pátio.

O Aluno de Dia comandou as duas esquadrilhas do primeiro ano em direção ao rancho. A ordem foi cumprida sem alteração e sem nenhum comentário de

nossa parte. Na realidade, poucas vezes havia participado de uma formatura para o rancho tão disciplinada: ninguém se mexia em forma, ninguém conversava.

Completada a descida do primeiro ano, o nosso colega de turma, que era Aluno de Dia, deu a voz de comando:

– *Primeira Esquadrilha, pela coluna da esquerda, em direção ao rancho, sem cadência, marche!*

Até hoje se discute se o aluno da testa da coluna da esquerda (formávamos por altura) escutou ou não a ordem. O que aconteceu é que ele não se mexeu. Logo correu um burburinho pela tropa:

– *Ninguém desce, ninguém desce.*

E ninguém desceu; e ninguém falou mais nada.

O ambiente ficou tenso. Até o vento parou de soprar.

O Aluno de Dia repetiu a ordem:

– *Primeira Esquadrilha, pela coluna da esquerda, em direção ao rancho, sem cadência, marche!*

Imobilidade total. Silêncio total. Tensão geral e crescente.

O Oficial-de-Dia, um aspirante-intendente recém-transferido para a EPCAR, aproximou-se e perguntou:

– *Aluno de Dia, o que está acontecendo?*

– *Não sei, aspirante. Eu comande e ninguém se mexeu.*

O Oficial-de-Dia resolveu assumir o comando:

– *Primeira Esquadrilha ao meu comando. Primeira Esquadrilha, pela coluna da esquerda, em direção ao rancho, sem cadência, marche!*

Nada. Nessa hora, pelo canto dos olhos, observei que os colegas ao meu lado estavam sérios, queixos erguidos, peitos estufados, barrigas encolhidas. A postura decidida era geral. Parecíamos um grupo de homens – e não rapazes de 16 a 19 anos – prontos para enfrentar o inimigo.

O aspirante repetiu a ordem; ninguém mudou de atitude. Resolveu então fazer uma preleção sobre o absurdo da situação, sobre o perigo daquela atitude na época em que estávamos vivendo. Deu a ordem novamente e ninguém sequer piscou.

– *Aluno de Dia, vá chamar o Comandante do Corpo de Alunos.*

Passados alguns minutos, chega ao local da formatura a referida autoridade.

– *Oficial de Dia, o que está acontecendo?*

– *A Primeira Esquadrilha se nega a descer para o rancho, major.*



– *Dê a ordem novamente. Quero ver o que acontece.*

Dada a ordem, nada mudou.

O major então disse:

– *Primeira Esquadrilha ao meu comando. Primeira Esquadrilha, pela coluna da esquerda, em direção ao rancho, sem cadência, marche!*

Zero reação. Até um passarinho que passava voando pousou no parapeito do alojamento para ver o que estava acontecendo. Estranhamente, nenhum outro militar, oficial ou graduado, parou para acompanhar os acontecimentos.

O Comandante do Corpo de Alunos gastou mais uns cinco minutos fazendo, aos gritos, uma explanação sobre a situação, que julgava absurda, intolerável. Novamente comandou a descida para o rancho, e ninguém se moveu.

Com o rosto transtornado, dirigiu-se ao Aluno da testa da coluna da esquerda e disse:

– *Eu vou comandar, novamente. Você vai andar. Se você não se mexer será sumariamente desligado por indisciplina.*

– *Primeira Esquadrilha, pela coluna da esquerda, em direção ao rancho, sem cadência, marche!*

– *Desce, desce!* – foi o burburinho que correu na tropa.

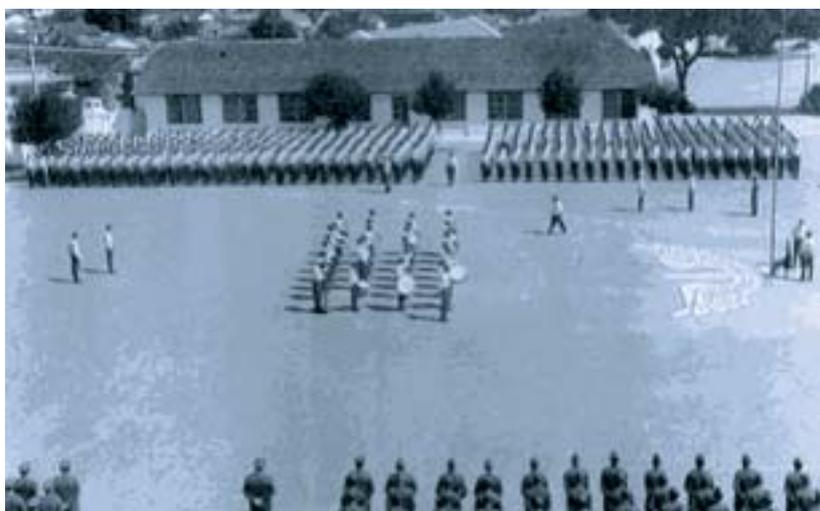
Em silêncio total, descemos, nos servimos, sentamos à mesa, e, sem darmos uma só garfada na comida, nos levantamos e devolvemos as bandejas. Silêncio absoluto.

Ao sairmos do rancho, os mais famintos correram para a cantina do Cassino dos Alunos. Nunca se vendeu tanta mariola e refrigerante.

Em seguida, recebemos ordem para entrar em forma no pátio da bandeira. Divididos em turmas pelos sargentos monitores, iniciamos uma instrução de ordem unida sem fim. Durou até à hora do jantar. Novamente fomos escalados para descer por último. Repetição do almoço: descemos, nos servimos, nos sentamos, nos levantamos e devolvemos as bandejas intocadas. Nova correria para a cantina.

Nova ordem: entrar em forma no pátio da bandeira. Nova seção de ordem unida, até às 21 horas, hora da ceia. Mesmo procedimento do almoço e do jantar.

Dia seguinte, alvorada, café da manhã, nada de comer. Ficamos sabendo, “à boca pequena”, que alguns colegas tinham sido presos no quartel do Exército e na Polícia Militar. A cantina foi fechada. Mais formatura, mais ordem unida, até ao almoço. Zero



Pátio da Bandeira na EPCAR - 1965

consumo de comida no rancho. Ordem unida, até ao jantar. Zero consumo no jantar. Ordem unida até à ceia.

Ao final da seção de ordem unida, fomos colocados em forma no pátio da Bandeira.

O nosso comandante de esquadrilha, um Capitão querido por todos nós, dirigiu a palavra:

– O comando da Escola resolveu reconsiderar. Vocês não vão mais descer para o rancho após o primeiro ano.

Não houve manifestação de regozijo. O Capitão comandou-nos para o rancho, para a ceia que nos esperava, lauta como nunca fora.

Em passo ordinário, rompemos a canção “A Esquadrilha”. Cantamos alto, firme, e marchamos garbosamente.

A Turma de 64 havia-se manifestado perante um ato injusto e havia recebido o reconhecimento do Comando da Escola. A hierarquia fora mantida.

Infelizmente, alguns companheiros foram desligados, tidos como líderes do “movimento”.

Não houve líderes. A Turma de 64 provou que “a Esquadrilha é um punhado de amigos, a vibrar a vibrar de emoção”.

Provou que “não temíamos da luta os perigos, e nem dos céus a infinita amplidão”.

Esta é uma boa lembrança para os dias de hoje. A formação militar sempre nos

leva a tomar atitudes nos momentos em que se atinge o “ponto-limite”.

A Turma “É p’ra Leão” mantém o mesmo espírito de união demonstrado no episódio narrado. ■



“Proposta aos profiss

Maj.-Brig.-do-Ar Ref.
Lauro Ney Menezes

Certamente, um dos grandes defeitos conceituais dos modernos sistemas de educação e ensino é o de ignorar o HOMEM, enquanto desenvolve uma determinada técnica ou dissemina um novo conhecimento. O processo segue seu ritmo inexorável, enquanto a individualidade é ignorada; a entidade humana é marginalizada, no grande afã da busca pelos resultados materiais ou técnicos.

Provavelmente, esse defeito será o causador, ou a raiz, de muitas das frustrações e angústias das ordens econômica e social implantadas no mundo de hoje: a desumanização impera.

Como Oficiais e Líderes da almejada Força Aérea dos anos 2000, cabe e cumpre aprender a viver como Cidadão, de um mundo que deve ser humano e humanizado.

A conduta que lhes proponho, pois, baseia-se na RESPONSABILIDADE. Responsabilidade geradora de Liderança. E a liderança que entendo não significa a busca de prestígio ou de honrarias, pois a tônica básica da liderança é **servir com responsabilidade**.

A responsabilidade, que advém da liderança, é um pesado fardo e, normalmente, perigoso de sustentar para aqueles que para tal não estão preparados. Exige sacrifícios, prudência. Coloca o serviço acima dos interesses pessoais e, freqüentemente, acima da satisfação individual.

O programa de formação e desenvolvimento de Oficiais, em curso na nossa Força Aérea, baseia-se na idéia – no ideal – de que a liderança provém do fato de que de nada valeria formar bons pilotos, bons combatentes, bons profissionais se, na essência, não formaríamos bons homens, bons cidadãos. E se, no seu peito, não pulsar um coração de bravo.

A expectativa, em um programa como esse, é produzir homens capazes e maduros independentemente de sua idade cronológica, pois a maturidade é a lealdade aos princípios, à perseverança nos objetivos e à indispensável confiabilidade.

O homem maduro, ao compreender, assume as metas fixadas. Arrazoa e, por isso, enfrenta os sacrifícios pessoais indispensáveis para chegar ao fim escolhido: ele é consistente em seus pensamentos,



persistente em suas ações e fiel ao seu ideário.

Além disso, a maturidade permite que em reconhecendo que os caminhos da vida nunca são fáceis e entendendo que terá de enfrentar desenganos, deve existir algo superior no que se apoiar: é a existência de uma **força íntima** que o levará às suas metas, independentemente da satisfação pessoal momentânea. A maturidade permite, ainda, reconhecer que não há qualquer glória na deserção dos ideais.

O homem amadurecido deve possuir padrões de julgamento objetivos e realistas, capazes de neutralizar as mutações das emoções do dia a dia. E reconhecer que a estrela-guia para sua jornada na vida é, de certa forma, imóvel nos céus, firme e segura, capaz de referendar, permanentemente, sua proa.

Em suma, um homem maduro é aquele convencido de que é fundamental desenvolver, primeiramente, seus dotes de espírito em benefício de sua estabilidade e de sua segurança, e também daqueles que dependerem de sua palavra, de Comando e Liderança: sua tropa.

A vida não pode nem deve ser compartimentada ou segmentada. O período acadêmico não representa mais do que uma pequena fração de vida. A vida, na realidade, é um permanente processo de aprimoramento, e o momento presente nada representará se não for usado para o desenvolvimento de potencialidades.

Cada um de nós é diferenciado dos outros. Somos distintos entre nós. Somos indivíduos. A Divina



ionais da Força Aérea



Providência nos premiou com benesses e talentos; e não o fez de forma igualitária. Através de nossas qualidades, ela espera que cada um sirva. E nós, podendo servir; devemos servir. Servir aos nossos deveres para com Deus, para com a Pátria, para com a Família. E para com a carreira que escolhemos livremente.

A Força Aérea vem medindo talentos, qualidades, potencialidades: todos os possuem para seguir a carreira de soldados do ar. Todos estão preparados para servir, aplicando, ao máximo, sua capacidade física, mental e emocional. Mas cumpre aprimorá-las, permanentemente, para construir o **melhor-homem** destinado a guarnecer a **melhor** Força Aérea!

E isso está sob o nosso controle, pois ao ser humano foram dadas duas capacidades que o diferenciam dos outros habitantes do planeta: o uso do intelecto e da vontade. Em suma, o poder para determinar suas ações.

O mundo está dividido entre aqueles que administram a inteligência e os que a usam. O homem que direciona sua vida por atos intelectuais, e não por impulsos emocionais, se apresenta diante dos outros e, principalmente diante daqueles que lidera, como um guia seguro e firme.

A vontade, livremente usada, associada ao emprego das faculdades intelectuais, é que permitirá conduzir os atos independentes dos apetites e emoções.

Os controles do intelecto e da vontade serão, e

deverão ser, enfatizados durante toda a carreira, de forma que, surjam daí melhores líderes para melhores dias. A mente e a vontade são instrumentos de precisão que, além de serem mantidos em estado de permanente prontidão, devem ser estimulados e exercitados para produzir, cada vez mais melhores decisões. A Força Aérea assim o fará. E caberá a cada um participar positivamente do processo de aprimoramento que será imposto a ela.

A vida é uma excelente escola para a formação do caráter de um homem. E é através do dia a dia que o nosso caráter, como futuros líderes, será plasmado. Se as escolhas e decisões forem tomadas com base na Justiça, no descomprometimento, na prudência, na humildade, fiquemos certos de que há um bom caminho à frente. Caso contrário, a única forma para compensar, corrigir e retomar a caminhada é substituir os maus por bons hábitos. É sabido que qualquer hábito pode ser mudado: apenas demanda tempo. E o homem, por princípio e imitação divina, é bom.

Se a meta é tê-los como futuros líderes de uma Força Aérea moderna, é fundamental perseverar no desenvolvimento das virtudes que assegurarão estabilidade e certeza, não só, para cada um, individualmente, mas também para a Força Aérea como um todo. Para tanto, a natureza nos dotou de **inteligência** para enfrentar os desafios do dia a dia, de **vontade** para determinar livremente a decisão a tomar, talentos e habilidades para serem usados, através da vida, de forma a torná-la completa e perfeita.

Se fixados os objetivos para a vida e assumido o destino de servir e, ainda, aceita a liberdade para aplicar as habilidades, não há como fugir da responsabilidade de estabelecer “*aquilo que almejamos para nossa existência*”.

Zelosamente, analisemos e escolhamos o caminho; depois, o sigamos com prudência e perseverança, de forma que a desejada **liderança** desabroche, floresça e se torne algo de positivo para nosso benefício, para benefício dos nossos subordinados e da Força Aérea; e que, ao final de tudo, nos dê felicidade e satisfação. E a sensação de **missão cumprida!** ■



Fernando Hippolyto
da Costa
Cel.-Av. Ref.

o Pai da Aviação

Alberto Santos-Dumont

“O REI DO CAFÉ”

Henrique, decepcionado com os resultados da atividade mineradora, em sociedade com o sogro (**François**), adquiriu da Coroa a Fazenda Jaguará, no Rio das Velhas, próximo à cidade de Sabará.

Os negócios não deram lucro, mas ele não desanimou e, depois de ser fornecedor de madeira para as obras que se faziam nas minas de Morro Velho, partiu

para uma outra atividade, exatamente dentro de sua profissão, a Engenharia.

Ele ficou responsável por um trecho, em obras, da Estrada de Ferro D. Pedro II, justamente o que ligava Palmira a Barbacena, em Minas Gerais, estabelecendo-se com a família nas proximidades da cidade de Palmira (hoje, **Santos-Dumont**). Foi, então, a 20 de julho de 1873, que nasceu o seu sexto filho, tendo recebido o nome de **Alberto**. O nascimento ocorreu numa pequena casa, na Fazenda Cabangu, Estação de Rocha Dias, Distrito de João Aires.

Posteriormente, **Henrique** deslocou-se para Ribeirão Preto, em São Paulo, onde comprou em 1879, a Fazenda Arindeúva. Regressou ao Rio de Janeiro, a

fim de buscar sua família e os bens que até então possuía: 80 escravos e 300 contos de réis. À época, ainda eram utilizados os escravos, mas **Henrique** substituiu-os por imigrantes vindos da Europa. Em São Paulo, a cultura do café começava a despontar.

Em dez anos de profícuo trabalho, o pai de **Santos-Dumont** transformou-se num proprietário rural dos mais conceituados, ficando conhecido como o “*Rei do Café*”.

Para a inspeção de seus cinco milhões de cafeeiros e para transportar os grãos colhidos, houve necessidade de se montar uma estrada de ferro particular, com cerca de 100 quilômetros de extensão.

Em torno da Fazenda **Dumont** (como ficou conhecida), acabou formando-se um povoado que, aos poucos, se transformou numa cidade, na microrregião de Ribeirão Preto. Foi naquele ambiente que **Santos-Dumont** passou a infância; conheceu tudo o que havia na usina de tratamento dos grãos de café.

As máquinas não tinham qualquer mistério para aquela aguçada e viva inteligência. Tudo o que era de mecânica despertava o interesse do menino **Alberto**, a tal ponto que, com apenas sete anos de idade, já tinha permissão paterna para dirigir, na estrada-de-ferro da fazenda, as locomóveis de grandes rodas e compridas chaminés e, aos doze anos, conduzia as locomotivas Baldwin que puxavam os vagões de transporte de café.

Atualmente, a casa dos **Dumont** foi convertida em museu. Lá ainda podem ser vistos a escrivaninha, a cama, o armário e os retratos, além de outros objetos de uso pessoal do notável inventor.

Desde cedo, o menino **Alberto** demonstrou uma acendrada disposição para a conquista do ar. Suas leituras prediletas eram os livros de **Júlio Verne**, que o deixavam imerso num mundo de imaginação sem limites. Revelou, desde pequeno, uma acentuada tendência para a Mecânica, apresentando, também, uma habilidade manual fora do comum.

O pai, vislumbrando no filho essa vocação, satisfazia sua curiosidade, explicando-lhe tudo o que era necessário e o que lhe era perguntado.

De cima para baixo, a antiga casa de Santos-Dumont em Cabangu e o Museu Casa Natal de Santos-Dumont reformado



Ramal ferroviário construído por Henrique Dumont, ligando a Fazenda Arindeúva a Ribeirão Preto (foto de 1911)



ESTUDOS INICIAIS

Como já reportamos, **Santos-Dumont** aprendeu as primeiras letras com a sua irmã **Virgínia**, sete anos mais velha do que ele.

Entre dez e doze anos, estudou no Colégio Culto à Ciência, na cidade de Campinas, em São Paulo. Depois, na capital do Estado, prosseguiu os estudos nos Colégios Kopke e Morton. Chegou a matricular-se na Escola de Minas de Ouro Preto, em Minas Gerais, mas desistiu do curso. Essa área de estudos não lhe interessava em absoluto.

Quando se deslocou para a Europa, freqüentou, por pouco tempo, a Universidade de Bristol, na Inglaterra. Tinha então 21 anos de idade.

Residindo em Paris, o seu mestre preferido foi o Professor Garcia, um hábil francês de origem espanhola, que lhe ensinou as primeiras noções de Física, Química, Eletricidade e, como não podia faltar, Mecânica.

Embora não tenha chegado a completar qualquer curso superior, os ensinamentos adquiridos tornaram-no uma pessoa de grande cultura. Além da língua portuguesa, falava fluentemente o francês, o inglês e o espanhol.

AS PRIMEIRAS VIAGENS À EUROPA

Em 1890, quando percorria as suas terras em Ribeirão Preto, **Henrique (pai de Alberto)**, sofreu um acidente com uma charrete e ficou hemiplégico. Desgostoso com o acontecimento, ele decidiu vender a Fazenda Arindeúva e partir para a Europa, em tratamento de saúde.

A Fazenda foi então vendida à Companhia Melhoramentos do Brasil, ficando o produto da transação assim distribuído: 1/3 para o casal e 2/3 para os filhos.

Henrique seguiu no navio “*Elbe*”, no início de 1891, acompanhado de toda a família, exceto do filho mais velho – então já casado – que preferiu ficar no Brasil.

Essa foi, em conseqüência, a primeira viagem de **Santos-Dumont** à França.

No sul da França, onde permaneceu em tratamento, **Henrique** sentiu-se melhor e, em novembro do mesmo ano, regressou ao Brasil com seus familiares, a bordo do navio “*Portugal*”.

No entanto, no ano seguinte, 1892, as conseqüências da doença vieram a afligi-lo novamente, e **Henrique** decidiu voltar à França, pela segunda vez, acompanhado, apenas, pela esposa **Francisca** e pelo filho **Alberto**, este com 19 anos de idade.

Antes da viagem, levou o filho a um cartório, em São **Henrique** Paulo, a fim de lhe conceder a escritura de emancipação. Depois, entregou-lhe vários títulos, no valor de muitas centenas de contos de réis (valor monetário da época), dizendo-lhe algumas palavras, que o filho mais tarde reproduziu em seu livro “*O que eu vi – O que nós veremos*” (1918):

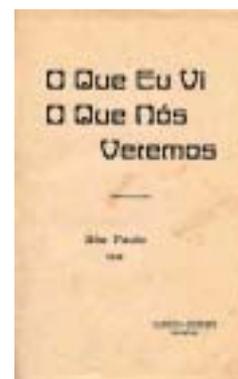
Já lhe dei hoje a liberdade; aqui está mais este capital. Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como você se conduz; vai para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se se faz um homem; prefiro que não se faça doutor. Em Paris, com o auxílio de nossas primas, você procurará um especialista em Física, Química, Mecânica, Eletricidade, etc.; estude essas matérias e não se esqueça que o futuro do mundo está na Mecânica. Você não precisa pensar em ganhar a vida; eu lhe deixarei o necessário para viver.

Henrique pressentiu que Paris, a então “*Capital do Mundo*”, era o local ideal para que o filho levasse adiante seus estudos.

Essa segunda viagem à Europa, **Henrique** interrompeu-a em Leixões, Portugal. Não tinha condições para continuar e resolveu retornar ao Brasil.

A partir daí, **Santos-Dumont** prosseguiu sozinho com destino a Paris. Aquela foi a última ocasião em que viu o pai ainda vivo, pois chegando ao Brasil, poucos dias após, **Henrique** faleceu no Rio de Janeiro, a 30 de agosto de 1892, aos 60 anos de idade.

Em Paris, Santos-Dumont passou a residir em companhia de outros parentes. ■



O segundo livro de Alberto Santos-Dumont, o qual lhe valeu um convite da Academia Brasileira de Letras, para ocupar a Cadeira que houvera sido de Graça Aranha



Livros

FAUSTO

O homem que se vendeu ao diabo

Extrato do livro "As Maravilhas do Conhecimento Humano" (Henry Thomas - Ed. Globo - Porto Alegre - RS - 1953)

Existem livros que, indubitavelmente, graças à genialidade dos seus autores, conduzem os leitores a atravessar, pelos meandros da filosofia, os detalhes da vida mundana, em confronto com os sentimentos de humanidade. Reflexões que, nem sempre, as próprias religiões conseguem induzir. Muito além da ficção, são verdadeiras parábolas.

FAUSTO é, merecidamente, um dos mais populares livros do mundo. O autor de *Fausto*, Johann Wolfgang Goethe (alemão, 1749-1832), teve uma vida bastante notável. Na idade de seis anos, começou a discutir religião. Aos sete, já se afligia com "a desumanidade do homem para com o homem". Aos oito, compôs um ensaio, em latim, sobre o Paganismo e o Cristianismo. Aos onze, escreveu um romance cosmopolita em sete línguas. Aos doze, teve um duelo. Aos quatorze, apaixonou-se violentamente pela primeira vez. Aos setenta e quatro, apaixonou-se violentamente pela última vez. E aos oitenta e dois, completou seu maior drama, a segunda parte do *Fausto*.

A nota tônica desse drama está no Prólogo. O autor, como Dante, leva-nos, em breve jornada, às portas do Céu. Deus e o Diabo discutem. Fazem uma aposta a respeito da alma do Homem. O diabo não leva em conta a raça humana. Cada homem, sustenta ele, tem seu preço. Mesmo entre os melhores, o instruído e virtuoso velho Dr. Fausto, aposta o diabo, pode tornar-se presa de seus ardis, caso ele queira dar-se ao trabalho de tentá-lo.

Mas Deus sabe mais. É verdade, admite ele, que a visão moral do Homem é imperfeita e que ele combate sempre no escuro. "Ele luta e peca durante a vida". E, contudo, a despeito de todos os seus pecados, "ele caminha instintivamente para a luz".

E assim, concorda-se que o diabo poderá tentar Dr. Fausto. Desce à Terra e oferece nova juventude a Fausto, se este, em troca, lhe vender sua alma. Fausto aceita a oferta e o pacto é selado com sangue. O velho e sábio filósofo se torna um apaixonado mancebo.

Conduzido pelo demônio, a quem está escravizado, Fausto apaixona-se pela bela Margarida, engana-a e depois a abandona ao seu destino. Margarida morre, e o diabo está completamente satisfeito com seu trabalho. Parece que ele irá ganhar a aposta que fizera com Deus.

E então surge a segunda parte do *Fausto*. Na primeira parte, o diabo tentou Fausto com os pecados da carne. Na segunda parte, o diabo



Retrato de Johann Wolfgang Goethe



que Amei

experimenta-o com tentações doutra natureza. Fá-lo conhecer toda casta de experiências humanas. Leva-o a “*abrir seu peito a todas as angústias, a conhecer toda a alegria e toda a tristeza humana*”.

Para isto, Fausto se torna conselheiro da Corte real. Ali recebe muitas honrarias e grande riqueza, mas não a felicidade. Desgostoso com a vida monótona do presente evoca, com o auxílio do diabo, a vida romântica do passado. Faz vir da Grécia Antiga o fantasma de Helena e tenta abraçá-la. Mas Helena desaparece, deixando apenas seu manto colorido (isto é, uma bela lembrança).

E dessa forma segue Fausto, duma experiência para outra, mas sem achar satisfação em nada. Ganha importante batalha para seu impedor, mas experimenta apenas desgosto diante das inocentes mortes que causou. O diabo oferece-lhe cidades, reinos, castelos, belas mulheres, gloriosas realizações e fama eterna. Mas tudo isso lhe causa náuseas. Vendeu a alma em troca de riquezas inúteis e de prazeres efêmeros. A maré de sua vida está baixando, cheia de amargura e desgosto. É atacado de cegueira e está preste a se entregar. O diabo se encontra na iminência de tomar posse plena de sua alma, quando ocorre o grande milagre. Ele encontra a verdadeira felicidade afinal. E essa felicidade consiste em fazer os outros felizes. Simples e sublime segredo lhe é agora revelado: “*Sê bom para teu próximo e o céu te tratará com bondade*”.

E tendo descoberto o segredo da vida, Fausto está pronto, agora, para ir ao encontro de sua morte. Sua alma, a despeito de todos os seus pecados, foi salva. “*Através de seus erros, havia ele caminhado instintivamente para a luz*”.

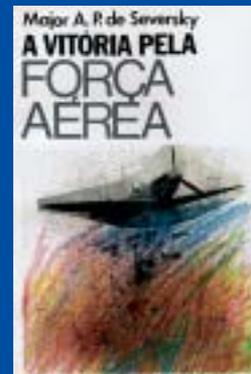
Quem primeiro o encontra no céu depois de sua morte é Margarida. Pecara e morrera pelos pecados de Fausto. Mas tudo é esquecido e perdoado. É sua missão agora mostrar a ele o caminho. Porque “*a Mulher é o eterno, guia do Homem*” para as regiões do Paraíso. ■

Publicamos os melhores títulos que estão à disposição dos leitores no Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. Todos os livros citados são obras selecionadas pelos douts Conselheiros do Instituto.

Livros do INCAER

A Vitória pela Força Aérea

A. P. de Seversky



Reeditada em 1988, na *Coleção Aeronáutica* do INCAER, a obra *A Vitória pela Força Aérea* é o primeiro título da *Série Arte Militar e Poder Aeroespacial*.

A discussão primordial da obra se estabelece em torno da pergunta: “pode a Força Aérea desempenhar papel estratégico ou seu emprego é meramente tático, isto é, a Aviação Militar está destinada a atuar como arma auxiliar das forças de superfície, de terra e de mar, ou lhe incumbe funções autônomas?”

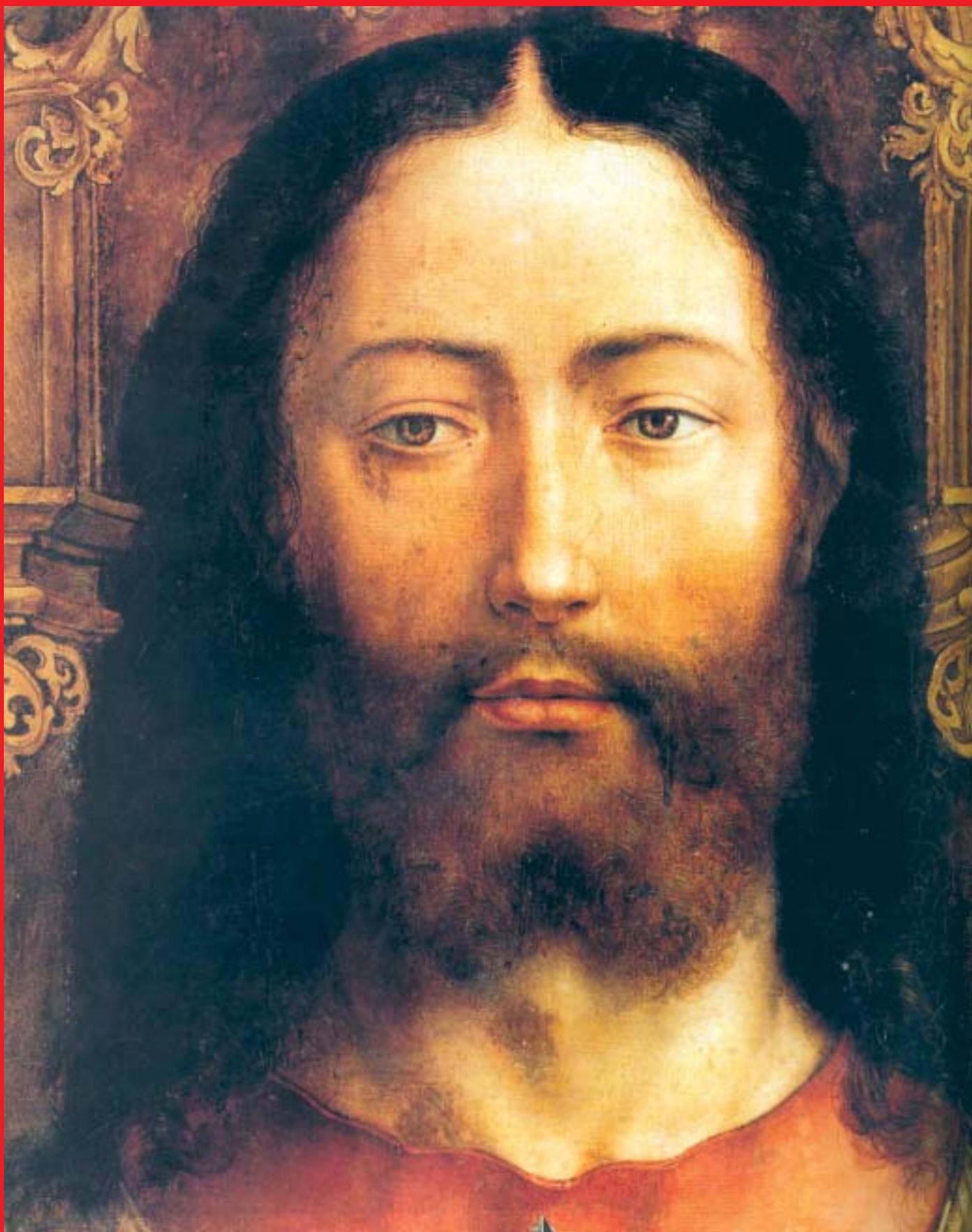
A Vitória pela Força Aérea foi publicada pela primeira vez em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial. O autor pretendia “chamar a atenção da liderança dos países democráticos para o fato de que o desenrolar do conflito comprovava à sociedade a tese de que a presença do avião poderia mudar completamente o caráter da guerra”.

“Segundo Douhet, Mitchell e Trenchard, Seversky não só enfatiza a missão estratégica da Força Aérea no conflito bélico, como indica ser ela decisiva”. O leitor deve observar, no entanto, o propósito e o contexto em que escreve o autor. “Naquele tempo não se tratava, como hoje, de estabelecer modalidades de atuação conjunta de forças independentes, mas de enfatizar a novidade representada pela presença do avião no conflito bélico”, fato que o pensamento militar tradicional insistia em ignorar. Até então, a doutrina consagrada era a de que “os princípios da guerra deveriam ser definidos em termos idênticos nos manuais de todos os três serviços, porquanto a situação continuava indeterminada no que se refere à arte da guerra aérea”.

Ao ser publicado, o livro causou impacto na opinião pública, influenciando os estrategistas militares, que passaram a reconhecer as potencialidades da Força Aérea. Apesar disso, as dificuldades iam além do simples planejamento estratégico, já que o uso do avião exigia recursos vultosos para sua utilização, o que trazia como principal corolário a dilatação dos prazos dos conflitos.

Segundo o Ten.-Brig.-do-Ar Murillo Santos, o livro de Seversky não tem interesse apenas militar. Será lido com proveito por todos aqueles que estão preocupados com os destinos de nossa civilização.

Não foi à-toa então que o autor dedicou o livro a todos os “bravos aviadores de todas as nossas Forças Armadas”. ■



Que o Deus onipotente e misericordioso vos ilumine com o advento do seu Filho, em cuja vinda credes e cuja volta esperais, e derrame sobre vós as suas bênçãos.